

Centro de Estudos Baianos

MOEMA PARENTE AUGEL

A VISITA DE MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA A ILHÉUS

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

94

31 de julho de 1981



Centro de Estudos Bahianos

MOEMA PARENTE AUGEL

A VISITA DE MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA A ILHÉUS

SALVADOR - BAHIA

94

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Bahianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Termino de Julho de 1981 - Distrito de Salvador - Bahia - 40.000

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO	7
II - AS COISAS VULGARES DE NOME BAHIA	23
III - MENTALIDADE E CONTRADIÇÕES	31
IV - AS PUBLICAÇÕES DE MAXIMILIANO	39
V - O DECRETOR ROMÂNTICO	49
VI - ROTEIRO DA VIAGEM DE MAXIMILIANO AO BRASIL	57
VII - BIBLIOGRAFIA DE MAXIMILIANO	59
VIII - BIBLIOGRAFIA GERAL	61

NOSSAS HOMENAGENS À CIDADE DE ILHÉUS NO ANO DE SEU CENTENÁRIO E NOSSOS AGRADECIMENTOS AO DIGNÍSSIMO PREFEITO ANTÔNIO OLÍMPIO RHEN DA SILVA, A QUEM FICAMOS A DEVER A PUBLICAÇÃO DESTE TRABALHO.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO	7
À GUISA DE INTRODUÇÃO	9
I - MATO VIRGEM	11
II - TRAÇOS BIOGRÁFICOS	23
III - MENTALIDADE E CONTRADIÇÕES	31
IV - AS PUBLICAÇÕES DE MAXIMILIANO	39
V - O ESCRITOR ROMÂNTICO	49
VI - ROTEIRO DA VIAGEM DE MAXIMILIANO AO BRASIL	57
VII - BIBLIOGRAFIA DE MAXIMILIANO	59
VIII - BIBLIOGRAFIA GERAL	61
PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS	65

No entanto, se a então catolizante de libens se lhe afigure de aparência desfavorável, a viagem pela floresta reconcilia aquele viajante com a região e sua exuberante natureza.

No livro objeto de análise, segundo Moema Augé, prevalece a descrição do mato virgem, em detrimento dos comentários sobre as pessoas e seus costumes, bem assim as considerações sobre a cultura e a situação sócio-econômica de área da zona cacauífera da Bahia.

Impressiona, por outro lado, ao viajante a personalidade do Barão Ferdinand von Steiger-Münzingen, cujas características se lhe afigurem tornarem aquela época, na "confusa, vertiginosa, super-refinada Europa e que, na América, em contato direto com a natureza, enfrentando as asperezas do meio, teria desbro-

CAÇÃO DESTE TRABALHO
ANTÔNIO OLÍMPIO RHEIN DA SILVA, A QUEM FICAMOS A DEVER A PUBLI-
NÁRIO E Nossos AGRADECIMENTOS AO DIGNÍSSIMO PREFEITO
Nossas HOMENAGENS À CIDADE DE IHÉSUS NO ANO DE SEU CENTE-

S U M Á R I O

7	APRESENTAÇÃO
9	A GUIA DE INTRODUÇÃO
11	I - MATO VIRGEM
23	II - TRAÇOS BIográficos
31	III - MENTALIDADE E CONTRADIÇÕES
39	IV - AS PUBLICAÇÕES DE MAXIMILIANO
49	V - O ESCRITOR ROMÂNTICO
57	VI - ROTEIRO DA VIAGEM DE MAXIMILIANO AO BRASIL
59	VII - BIBLIOGRAFIA DE MAXIMILIANO
61	VIII - BIBLIOGRAFIA GERAL
63	PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

APRESENTAÇÃO

Na oportunidade em que se realizam as festividades comemorativas do centenário da emancipação política de Ilhéus, e, coincidentemente, se completam o 35º aniversário da Universidade Federal da Bahia e o 40º do Centro de Estudos Baianos, é-nos sobremodo grato trazer a lume uma publicação da maior importância para a cultura baiana e brasileira.

Trata-se de uma análise criteriosa da autoria de Moema Parente Augel, iniciada em seu festejado livro "Visitantes estrangeiros na Bahia Oitocentista", a propósito da visita de Ferdinando Maximiliano de Habsburgo, depois Imperador do México, à região de Ilhéus, contida no exemplar raríssimo intitulado Mato Virgem, publicado em Viena em 1864, pertencente à Biblioteca Frederico Edelweiss, do Centro de Estudos Baianos da UFBA.

O depoimento é dos mais importantes. Revela as impressões que aquele descendente da nobreza austríaca expressa diante dos filhos dos colonos alemães, cuja língua pátria já haviam esquecido, do sofrimento dos seus pais, que somente em idioma estrangeiro — o português — poderiam comunicar-se com a sua prole. Igualmente, menciona Maximiliano suas impressões sobre a colonização alemã na região, muito particularmente a respeito da Colônia Leopoldina, cuja impressão lhe é desalentadora.

No entanto, se a então cidadezinha de Ilhéus se lhe afigura de aparência desfavorável, a viagem pela floresta reconcilia aquele viajante com a região e sua exuberante natureza.

No livro objeto de análise, segundo Moema Augel, prevalece a descrição do mato virgem, em detrimento dos comentários sobre as pessoas e seus costumes, bem assim as considerações sobre a cultura e a situação sócio-econômica de área da zona cacaueteira da Bahia.

Impressiona, por outro lado, ao viajante a personalidade do Barão Ferdinand von Steiger-Münssingen, cujas características se lhe afigura rarearem àquela época, na "confusa, vertiginosa, super-refinada Europa e que, na América, em contato direto com a natureza, enfrentando as asperezas do meio, teria desabro-

chado de modo tão vigoroso e independente. Sobre von Steiger e sua família, composta da esposa brasileira, filha do Tenente-Coronel Egidio de Sá Bittencourt, presidente da Câmara de Ilhéus e proprietário da fazenda Esperança, e seus cinco filhos, Maximiliano é pródigo em elogios.

Além da fazenda do imigrante bem sucedido, o futuro Imperador do México propõe-se a subjugar o mato virgem, cujos perigos desejava enfrentar no seu afã de perseguir a aventura. Queria, assim, arremeter-se pelo interior a dentro, conhecer o encantador mundo da floresta baiana.

Por outro lado, os tipos étnicos da região despertam a curiosidade de Maximiliano, levando-o a externar-se criticamente a respeito. Acompanha-o na sua viagem, um outro alemão, Heinrich Berbert, segundo ele próprio: "um homem de fato"; "uma das figuras mais interessantes" por ele encontradas durante aquela visita aos trópicos.

Assuntos relacionados com a escravidão, com a presença indígena na região são apreciados segundo a ótica preconceituosa daquele representante da nobreza européia. Assim, a presença dos Botocudos e dos Pataxós tornam aquele empreendimento profundamente interessante, enquanto a falta de gêneros de subsistência preocupa o romântico viajante, fazendo-o retornar ao ponto de partida.

Passando novamente à fazenda Vitória, depois de ter atravessado os limites da Colônia Leopoldina, o grupo embarca no vapor Elisabeth, dirigindo-se ao Rio de Janeiro.

Temos assim, num rápido bosquejo de apenas sete dias da permanência do curioso viajante no sul do Estado da Bahia, um testemunho da maior significação para nossa cultura, cujo valor é tanto maior porque enriquecido das preciosas notas e da bem elaborada biografia daquele singular observador - o Arquiduque Maximiliano da Áustria, elaboradas por uma autorizada especialista no assunto - Moema Parente Augel.

Por todos esses motivos, constitui-se numa honra para o Centro de Estudos Baianos dar divulgação a um texto de primordial importância para os estudos brasileiros.

Salvador, 31 de julho de 1981

Consuelo Pondé de Sena
DIRETORA

À GUIA DE INTRODUÇÃO

A presente monografia foi escrita especialmente como uma homenagem do Centro de Estudos Baianos, e também minha, ao centenário da Cidade de Ilhéus, minha terra natal.

Trata-se de um dos resultados de uma análise mais ampla que estou empreendendo a respeito da visão exógena, alienígena que os viajantes estrangeiros têm do Novo Mundo, e as conseqüentes distorções da imagem do homem, das coisas e da natureza brasileiras que são difundidas através da literatura de viagem, onde se destacam, como exemplares, os relatos de viagem do Arquiduque Maximiliano da Áustria: Bahia 1860 e Mato Virgem.

Os viajantes estrangeiros fazem certas peremptórias afirmações, que são tomadas como verdades inquestionáveis. Entretanto, elas não passam de um produto do eurocentrismo, que lhes deforma a visão. Ao lado de valiosas informações, tanto no campo das ciências naturais como no âmbito da vida social e política do país visitado, arvoram-se os viajantes a interpretações duvidosas, muitas vezes crivadas de preconceitos advindos da má ou da pouca compreensão de nossa realidade.

Essas afirmativas adquirem uma função concreta, plasmando uma imagem do Brasil, onde o entusiasmo e encantamento pela natureza tropical provocam, discriminatoriamente, o desprezo pelo homem. Essa imagem do exótico brasileiro, forjada por meio de observações fragmentárias e vivências unilaterais, passa a ter força normativa e absoluta.

Não se trata de uma atitude apenas do passado, uma vez que, nos tempos modernos, freqüentemente a definição das necessidades de nossa sociedade, o diagnóstico de nossos problemas, os caminhos de nosso desenvolvimento e até mesmo nossa auto-compreensão são elaborados por meio de formulações vindas de fora.

Dedico este trabalho à minha Mãe, Rocilda, que tem acompanhado com tanta participação minhas pesquisas sobre o trágico príncipe.

Moema Parente Augel

A CASA DE INTRODUÇÃO

I Mato Virgem

“... Nem tudo o que é chamado de mato é, no verdadeiro sentido da palavra, mato virgem. Mesmo que o olhar inexperiente se disponha, e isso quase com razão, a considerar floresta indevassada aquilo que tem diante de si.

“Há florestas que são tão impenetráveis, tão enredadas com lianas que o europeu as batiza imediatamente de matas virgens; entretanto, elas são apenas “capoeiras”, isto é, partes que já foram desbastadas algum dia mas que, em pouquíssimo tempo, estão de novo tão densas que só a prática pode diferenciá-las”¹.

Quem assim escreve é o arquiduque Ferdinando Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador Francisco José I da Áustria, e sobrinho da imperatriz Maria Leopoldina, do Brasil. Maximiliano esteve no Brasil em 1860, visitando a Bahia e o Rio de Janeiro, passando rapidamente pelo Espírito Santo e por Pernambuco.

Na Bahia, passeou pela capital, pelo Recôncavo e pela região de Ilhéus. O relato de suas impressões resultou em dois livros, que são de sumo interesse para a literatura de viagens, e que até hoje foram pouco divulgados: *Bahia 1860*, tratando de Salvador e dos arredores; e *Mato Virgem*, publicado com o título em português, bela narração de sua visita ao sul da província².

É deste último livro que vamos tratar, procurando situá-lo no contexto biobibliográfico do autor. Veremos que, dos visitantes estrangeiros que passaram pela Bahia, e em especial por Ilhéus³, Maximiliano da Áustria se destaca de modo particular, pela força de sua personalidade, pela riqueza e acúmulo de impressões, pelas qualidades literárias de *Mato Virgem*.

¹ Maximilian I, Imperador do México. *Mato Virgem*. 1860. Viena, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1864, p.13 e s. (Passaremos a indicar: *Mato Virgem*). As bibliografias e catálogos indicam o autor geralmente com o título acima. Maximiliano da Áustria foi imperador do México de 1864 a 1867.

² *Mato Virgem*, assim como *Bahia 1860*, o outro livro de Maximiliano sobre suas viagens ao Brasil, foram recentemente traduzidos para o português, e em breve sairão publicados, numa iniciativa do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, dirigido pela Professora Consuelo Pondé de Sena.

³ Sobre os viajantes estrangeiros na Bahia, cf. Moema Parente Augel. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. S. Paulo, Ed. Cultrix/MEC, 1980. Para os viajantes que estiveram em Ilhéus, cf. aí sobretudo pp.44 e s., 47 e s., 52 e s., 58 e s., 80 e s., 97 e s.

Já na primeira manhã em terras brasileiras, em conversa com o velho francês proprietário do Hotel Universo, Pierre Février, Maximiliano aprendeu a diferença entre os dois tipos de floresta, recebendo igualmente a informação suplementar que, para conhecer a verdadeira selva, intocada e original, era preciso ir mais longe da capital, rumo ao Sul.⁴

O temperamento arrebatado e sonhador do jovem arquiduque, sempre atraído pelo exótico e pelo exclusivo, disposto a aventuras e a novas experiências, não o deixou hesitar, sendo logo delineado o projeto de uma viagem ao sul da Bahia. O cônsul austríaco Lohmann, cicerone do príncipe, tinha um amigo nas cercanias de Ilhéus, o Barão Ferdinand von Steiger-Münssingen, proprietário da fazenda Vitória, e para lá se dirigiu com Maximiliano e sua comitiva.⁵

E assim, na cálida noite de 13 para 14 de janeiro de 1860, deixando os salões de baile da casa de Lohmann, que havia reunido o corpo diplomático e a principal sociedade da Bahia em homenagem ao arquiduque, Maximiliano volta para bordo do vapor *Elisabeth*, que o tinha trazido da Europa, e inicia a viagem rumo ao tão sonhado *Mato Virgem*.⁶

No dia seguinte, à tardinha, aporta na “*assim chamada cidade de Ilhéus*”, que não lhe despertou a impressão das mais favoráveis. Descreve-a como sendo “*simplesmente uma aldeia*”, com um “*amontoado de casas*” destacando-se na “*estreita e alvíssima faixa de areia*” em frente ao oceano, com a igreja ao meio, “*um lugar abandonado por Deus e pelo mundo*”⁷.

Maximiliano pouco se demora em Ilhéus, “*ardendo de ansiedade*” em prosseguir caminho, a fim de finalmente “*atingir o motivo principal de sua viagem*”. Mas, mesmo apressado, procura transmitir, em pinceladas gerais, uma impressão do local.⁸

“*As casas em Ilhéus são parecidas com as de Itaparica*”, lembra o arquiduque. “*As mesmas janelas sem vidraças, a mesma arquitetura provisória, evocando casinhas de madeira de um brinquedo de criança*”⁹.

Enquanto espera que a bagagem seja descarregada do *Elisabeth*, Maximiliano observa a seu redor, atraído sobretudo pela variedade de tipos humanos que turbilhonava pelo cais: “*peles de todas as cores e de todas as origens estavam ali representadas, sobretudo numa grande quantidade de crianças*”. E vai enumerando-as: desde os pálidos europeus até os africanos negros como carvão; dos “*horróveis mulatos, de todos os tipos de misturas sanguíneas*”, até o índio vermelho cobre, de “*traços largos e olhos inquietos*”, que ali tinha, pela primeira vez, ocasião de ver de perto¹⁰.

Por ali andavam também colonos europeus, agricultores, que tinha vindo tentar a sorte no Novo Mundo. A visão dos filhos desses conterrâneos, “*meninos magros, de cara pálida e descolorida, olhos azuis de miosótis, cabelos amarelo-pálido, arrepiados*” causa a Maximiliano dolorosa impressão. Tenta falar-lhes em alemão, mas os rapazinhos, tímidos e desconcertados, mal souberam balbuciar o próprio nome, e mesmo assim, com dificuldade, só compreensível em estrangeiros. A língua alemã já tinha sido esquecida. Maximiliano confessa não poder evitar um “*sentimento de indignação*”, ao verificar terem-se eles tornado “*totalmente brasileiros*”, incapazes de se comunicarem com os próprios pais, uma vez que lhes falta a língua comum. Imagina o grande drama desses imigrantes infelizes, obrigados a falar com os filhos numa língua estrangeira, acreditando ser esse o motivo do eterno ar de melancolia, “*de secreta dor*” que todos os imigrantes alemães parecem apresentar. E, por causa disso tudo, não é de admirar que esses alemães nunca adquiriram uma “*posição independente*” e, “*em vez de dominarem, encontram-se numa espécie de coisa intermediária, entre escravos e homens livres*”¹¹.

Maximiliano prossegue suas elucubrações a respeito da colonização da região, observando que ela não pode ir muito bem, se se toma a Colônia Leopoldina como exemplo e se tem como reflexo de sua atividade a cidade de Ilhéus. Esta “*não possui absolutamente a aparência de algo florescente: alguns artesãos, um farmacêutico e algum comércio para os poucos fazendeiros do interior*”. O meio de comunicação com a floresta é o rio Cachoeira, e canoas são para isso usadas. Uma vez por mês um vapor visita o porto, dando a essa “*boa gente da região a ilusão de que está em ligação com o vasto mundo*”. Ilhéus tem uma igreja e um sacerdote, que tem sob seus cuidados, além da cidadezinha, a ampla região que vai até as profundezas da mata. Entretanto, como a população se satisfaz em batizar os filhos, sendo esse sacramento a única prática religiosa observada, o padre não parece morrer de trabalhar¹².

⁹ Ibidem, p. 30. Sobre a descrição da cidade de Itaparica, cf. *Bahia 1860*, pp. 183 e s.

¹⁰ *Mato Virgem*, p. 30.

¹¹ Ibidem, pp. 31 e s.

¹² Ibidem, p. 34.

⁴ Cf. Maximilian I, Imperador do México. *Reise-Skizzen. Bahia, 1860*. Viena, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1861, p. 55. (passaremos a indicar: *Bahia 1860*).

⁵ Nos planos de viagem originalmente feitos na Europa, estava incluída uma visita ao Pará, justamente com a finalidade do príncipe conhecer a selva brasileira. Por ter notícia de que ali grassava a febre-amarela, Maximiliano desistiu de ir até lá, conforme esclarece em outro livro, sobre a passagem da linha do Equador (cf. Maximilian I, Imperador do México. *Reise-Skizzen. Ueber die Linie, 1860*. Viena, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1861, p. 99).

⁶ Cf. *Bahia 1860*, p. 342 e *Mato Virgem*, p. 5. Sobre Maximiliano na Bahia há um trabalho de Frederico Edelweiss, *Maximiliano da Áustria*. Salvador, Centro de Estudos Baianos, publicação n. 43, 1960. O mesmo trabalho reapareceu em: Frederico Edelweiss. *Ensaio Biográfico*. Salvador, 1976, pp. 21-31. É essa edição que citaremos.

⁷ Cf. *Mato Virgem*, pp. 14 e s.

⁸ Ibidem, p. 17.

A viagem de canoa, magnífica invenção indígena, rio acima até a fazenda Vitória, reconcilia Maximiliano com o resto do mundo, extasiando-o face à natureza em plenitude. As descrições de paisagens são sempre as páginas mais poéticas e mais intensas, literariamente as mais bem sucedidas, deste como dos demais *esboços de viagem* de Maximiliano. São também as mais longas e as mais freqüentes, as mais ricas em minúcias e colorido, ocupando o primeiro plano de *Mato Virgem*, em detrimento da pintura de costumes, pouco deixando lugar para informações sobre a cultura ou a situação sócio-econômica da região.

Finalmente, a comitiva alcança o Porto da Vitória, e logo se aproxima da fazenda propriamente dita.

O proprietário, Barão Ferdinand von Steiger-Münssingen vem recebê-los e de imediato conquista a admiração de Maximiliano. Sua aparência elegante e descontraída, seu exterior transpirando simpatia e confiança, energia e dinamismo, suas maneiras educadas sem serem afetadas, tudo isso fascinou o príncipe, que não esconde essa admiração, descrevendo-o numa abundância de detalhes e de epítetos: “*tamanho médio, ombros largos, traços firmes e bem marcados, coloração da tez fresca e saudável, cabelos louros e olhos azuis e fiéis*”. E acrescenta tratar-se de um desses tipos tão marcantes que, na “*confusa, vertiginosa, super refinada Europa*” se tornam cada vez mais raros, se não impossíveis de serem encontrados. No Novo Mundo, na luta com a natureza, na escola revigoradora do destino, tais caracteres desenvolvem-se de modo ainda mais firme e independente. Encantado com o novo conhecido, sentiu-se logo ligado por laços de amizade a esse “*austríaco pela metade*”, cujo pai vinha de Berna, mas possuía ricas terras na Áustria, e cujo irmão servia no exército de Francisco José¹³.

A história de Ferdinand von Steiger é bastante sugestiva, ilustrando bem o tipo do imigrante bem sucedido: na juventude, foi oficial prussiano, tendo-se decidido a deixar a Europa civilizada e cansativa por influência da leitura de Humboldt, resolvendo ir tentar a sorte do outro lado do oceano, num estilo de vida completamente diverso do que conhecia. E já havia quinze anos que vivia no Brasil, tendo feito das atividades de fazendeiro o seu mundo, casado com uma encantadora brasileira, de tradicional família brasileira, filha do Tenente-Coronel Egydio Luiz de Sá Bittencourt, presidente da Câmara Municipal de Ilhéus e proprietário da fazenda Esperança, vizinha da do genro¹⁴.

Igualmente a esposa e os cinco filhos de Steiger são alvo de entusiásticos elogios e calorosas palavras por parte de Maximiliano, seduzido pelo inesperado encontro em plena floresta virgem, não tendo provavelmente contado deparar-se

¹³ Ibidem, pp. 59 e s. A fazenda chama-se até hoje *Sesmaria Vitória*, e pertence atualmente a Solange e Hugo Kaufmann.

¹⁴ Ibidem, p. 68. Egydio Luiz de Sá Bittencourt foi presidente da Câmara de Ilhéus por ocasião da visita de Maximiliano. A ele foi dedicado o livro *Bahia 1860*.

com alguém em tantos pontos tão parecido com ele, de idéias tão afins e, de certo modo, causando-lhe uma certa inveja.

Durante muitas páginas prossegue Maximiliano na descrição da fazenda, da Casa Grande e suas dependências, das refeições que ali fez, dos passeios pelos arredores, onde mais uma vez a magia da paisagem o galvaniza¹⁵.

Mas o príncipe deseja muito mais do que simples passeios nos domínios da fazenda. Como ele mesmo esclarece, seus passos o levaram até aquele ponto distante do novo continente “*a fim de enfrentar aventuras verdadeiras e inevitáveis*”, para “*captar as selvagens e sublimes impressões do mato, às custas de canseiras e adversidades*”. Não lhe bastavam pequenas excursões e, a despeito das admoestações de Steiger e de Lohmann, Maximiliano insiste decididamente em conhecer de perto e por dentro a floresta virgem, justamente por causa de seus perigos e ameaças. Queria sobretudo evitar as regiões habitadas, ver ele mesmo a distinção entre as diferentes espécies de floresta seca e úmida, ir ao encalço dos animais da fauna local, coletar plantas raras e, se possível, contemplar um legítimo índio puro sangue.¹⁶

Antes de iniciar a grande excursão, rumo ao seio da floresta, o arquiduque experimenta, já nesse primeiro dia, a emoção de um primeiro encontro com a selva de ninguém, lá “*onde cessava o domínio do homem*”, onde começava o relicário da natureza eterna, “*verdadeira meta de sua viagem transatlântica*”¹⁷.

Maximiliano lembra com ironia as mentiras de que estão repletos os livros de viagem, pois “*todo viajante que tenha pisado as terras americanas e visto algumas palmeiras, todo aquele que já enfiou o nariz nos arredores mais próximos de uma cidade-porto qualquer, acha que já tem por isso o direito de falar sobre esse santuário e gritar para o mundo seu encantamento*”¹⁸. Ele, Maximiliano, porém, transpore os umbrais sagrados desse templo divino e, com verdadeira unção, num transbordamento de êxtase, deixa-se embeber pela grandeza do espetáculo que se descortina ante seus olhos maravilhados. E não pode esconder o orgulho de ter tido esse privilégio, de não se ter detido, como os demais viajantes, apenas na fímbria da floresta, realizando assim seu sonho de juventude¹⁹.

¹⁵ *Mato Virgem*, p. 70. Interessante observar o vocabulário usado por Maximiliano ao descrever Steiger e sua família. Não poupa elogios e esparrama-se em epítetos que bem mostram sua simpatia e talvez uma secreta inveja desse imigrante bem sucedido.

¹⁶ As limitações deste trabalho nos impedem de estabelecer certos paralelos, sem dúvida oportunos e interessantes, como por exemplo, confrontar a descrição da Fazenda Vitória, de seu proprietário e suas dependências, com a que Maximiliano faz do Engenho Novo, pertencente a Tomás Pereira Geremoabo, em *Bahia 1860*.

¹⁷ Cf. *Mato Virgem*, pp. 86 e s.

¹⁸ Ibidem, p. 97

¹⁹ Ibidem.

No meio do idílico espetáculo, já ao cair da noite, surge um pequeno incidente, que vem colorir ainda mais o pitoresco das impressões do príncipe: de repente, ruídos estranhos fizeram Steiger perceber a presença bem próxima de um negro fugido, criminoso temido em toda a região. Tal “ameaça” alimenta a sede de aventuras do visitante, mas também desencadeia uma série de críticas sobre a debilidade do império brasileiro, com o imperador na sua corte tão longínqua, sendo-lhe impossível, dadas às distâncias, à exigüidade da população e conseqüente escassez de policiamento, controlar seus domínios e exercer a justiça²⁰. Comentários desse tipo são muito freqüentes no outro livro de Maximiliano sobre a Bahia, onde a intolerância e inaceitação um tanto irritadiça face às dificuldades e limitações do país e de seus governantes mostram-se de forma irreverente e sarcástica. Aqui, no *Mato Virgem*, o poeta está por demais ocupado com as suas próprias emoções, por demais empolgado com as novas impressões, deixando pouco lugar a reflexões políticas ou administrativas²¹.

De volta do belo e inesquecível passeio, Maximiliano e Steiger passam a noite agradavelmente conversando. Um dos assuntos é naturalmente a escravidão. Steiger possui cento e cinqüenta escravos, e a consciência não lhe pesa por isso. O fazendeiro, que exerce a medicina improvisadamente, tratando de seus escravos quando doentes e mesmo assistindo às escravas no parto, tem por isso mesmo muito contato com eles, é aceito e respeitado, e julga conhecer profundamente a mentalidade e o espírito de seus servidores.

Maximiliano limita-se a repetir as palavras do recente amigo, não dardando contra ele sua ferina ironia, mas nos pareceu sentir nas entrelinhas uma leve discordância, ou pelo menos estranheza, quanto às idéias de Steiger.

Steiger conclui que o escravo não deixa de ser humano, apesar da aparência do contrário, e não é um animal irracional; e isso porque é capaz de procriar, mesmo unindo-se a um ser da raça branca, e que os mestiços, frutos dessas uniões, são eles próprios igualmente capazes de procriação, o que não acontece com os animais híbridos, como por exemplo a mula. O negro é, portanto, um ser humano, mas está comprovado encontrar-se em um nível muito inferior ao das demais raças do globo terrestre.²²

Steiger fazia suas escravas casarem-se o mais cedo possível, pois assim tinham mais tempo para a reprodução. A escrava que tinha mais de seis filhos recebia prêmios especiais para cada nova criança que nascia. Mas muitas negras maldosas abortavam a criança para vingarem-se de seu senhor...

²⁰ Ibidem, p. 119.

²¹ Ibidem, pp. 116 e s. Observando o vocabulário usado por Maximiliano, são dignos de nota os preconceitos que depreendem de suas palavras, e a estratégia retórica usada para confirmar e justificar o preconceito, como por exemplo o fato do negro ser criminoso.

²² *Mato Virgem*, pp. 121 e s.

Se há problemas de indisciplina, são eles resolvidos com o chicote e a palmatória; se são necessários castigos mais severos, são usados a corrente e o trabalho aos domingos. Os domingos, acrescenta Maximiliano mais adiante, sendo um dia de descanso para os homens e animais, é dado como tempo livre ao escravo, para seus trabalhos particulares.²³

Descanso para os homens e os animais. O cativo, porém, não tem direito nem mesmo a esse mínimo de consideração. Apesar dos brados de protesto contra a escravidão e os males que daí advêm, Maximiliano mal tem consciência da força dos preconceitos que o influenciam. O negro escravo, assim como o índio, não são considerados criaturas humanas, mesmo que verbalmente o príncipe assim o declare. Fazem parte da ecologia, são meros instrumentos ou acessórios da paisagem. Maximiliano, se bem que talvez não estivesse de acordo com todas as idéias e práticas de Steiger, que não via necessidade de nenhuma censura ao desnudar seus pontos de vista, não apresenta — porque não o tem — de forma neutra e imparcial o retrato do negro.

O dia 16 de janeiro termina em meio a tais conversas, e Maximiliano foi dormir feliz, partilhando o quarto com o doutor, estranhando as duras camas, “como o calor dos trópicos exige”, e sobretudo a falta de travesseiros²⁴.

O dia 17 de janeiro assinala o começo da grande aventura. Depois de um jejum substancial, composto de peixe, carne, farinha, sem faltarem as libações de cachaça e aguardente, despedindo-se da “dedicadíssima” dona da casa e dos seus “encantadores filhos”, a comitiva partiu a cavalo, Steiger à frente, rumo ao desconhecido. Ainda nos domínios cultivados, entre plantações de café e de mandioca, o fazendeiro leva os amigos até uma casinha de madeira, moradia de um de seus vassallos, Antônio do Norte.

A visão desse filho da terra de novo desperta em Maximiliano comentários de admiração. Antônio do Norte é um caboclo tipicamente brasileiro: filho de um brasileiro branco com uma legítima índia, e tendo como mulher uma mulata, “fruto de sangue branco com negro”. O caboclo tem um filho, “resultado desse quádruplo cruzamento”; é um jovem de 17 anos, que chama a atenção pela beleza de seu tipo: “esbelto como um pinheiro, fisionomia de traços suaves e olhos faiscantes”. Não é nem vermelho nem negro, nem da cor da azeitona nem do bronze; não é “nem claro nem escuro”, apresentando “uma mistura de todas as cores imagináveis, semelhante à água de um pintor de aquarelas. A tonalidade é, entretanto, muito agradável”. E

²³ Ibidem, pp. 125 e s.

²⁴ Dos acompanhantes de Maximiliano, foi-nos possível identificar os principais: o pintor Joseph Selleny, o botânico Franz Maly, o oficial da marinha, ajudante de armas de Maximiliano, Wilhelm von Tegetthoff, o médico de bordo Dr. Heinrich Wawra, e o médico particular do arquiduque, Dr. A. Jilek. Acreditamos ser este último o companheiro de quarto de Maximiliano.

acrescenta, pensativamente: “esse exemplo de extravagância racial, esse produto cosmopolita merece ser apresentado aos grandes círculos médicos da Europa”²⁵.

Prosseguindo o caminho, Steiger conduz o grupo por entre as terras da Colônia Leopoldina, pelas plantações de cacau, que igualmente despertam o sempre agudo interesse do arquiduque. A presença de colonos alemães enche o príncipe de comiseração por esses despatriados, de voz “cansada e triste”, a cuja aparência faltam “energia e elasticidade, sendo eles a encarnação da melancolia”.

Estendendo suas impressões, Maximiliano considera que a colônia traz o carimbo da miséria e da incerteza, o conjunto tendo a aparência de uma tentativa vã, que não conseguia propriamente deitar raízes. E, sem pretender bancar o profeta, acrescenta Maximiliano, receia muito “que essa colonização suábica em Cachoeiras não dê em nada”²⁶.

O Barão Steiger escolheu, para acompanhar o visitante nessa empreitada desbravadora, um outro imigrante da região, o suábio Heinrich Berbert, considerado o maior conhecedor da selva e de seus perigos, “um homem de fato”, no dizer de Maximiliano, “uma das figuras mais interessantes” que ele encontrou “naqueles lados do oceano”.

No Brasil desde a idade de sete anos, Berbert aclimatizou-se inteiramente ao ambiente, sendo um dos poucos cuja adaptação foi feita de modo perfeito, captando o país em sua verdadeira essência. Berbert não queria “brincar de Alemanha no Brasil” e, com “saudável instinto”, compreendeu que aqui era preciso levar uma vida selvagem e primitiva. Embora plantando seu cacau e um pouquinho de café e de mandioca, embora possuindo dois escravos que ele força a trabalhar, é no mato que Berbert está em seu elemento realmente, é onde se sente de fato feliz. Respeitado e querido por todos, colonos, brasileiros, negros e índios, conhecedor perfeito de todos os segredos da floresta, “livre e sem compromissos”, obedece

²⁵ Mato Virgem, pp. 137 e s.

²⁶ Ibidem, pp. 140 e s. A Colônia Leopoldina foi em 1818 fundada pelo cônsul hamburguês Peter Peyke, de parceria com Freyreiss e Morhard, a partir de sesmarias que receberam à margem do Rio Peruípe. A colônia, a primeira do gênero a existir no Brasil, contava com agricultores alemães, suíços e franceses, com a ajuda de trabalho escravo, diferindo nesse sentido das colônias posteriores do sul do país. Foram muitos os viajantes que escreveram sobre a Colônia Leopoldina, entre eles, Freyreiss, Riedel, Toelsner e Asschenfeldt, os dois últimos tendo exercido a função de médicos da colônia. A respeito, além dos livros desses viajantes, cf. Moema Parente Augel, op. cit., sobretudo pp. 46 e s., e Moema Parente Augel, Ludwig Riedel — Viajante alemão no Brasil. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. Ver ainda Hermann Neeser, A Colônia Leopoldina. Bahia, Centro de Estudos Baianos, publicação n. 5, O historiador baiano Cid Teixeira está preparando um trabalho a respeito dos suíços ali radicados e que o Centro de Estudos Baianos publicará.

somente à sua própria vontade. E se é que jamais existiu uma vida independente, conclui Maximiliano, essa vida é a que Heinrich Berbert leva²⁷.

Com Berbert como guia e chefe da expedição, penetra o grupo cada vez mais profundamente na mata virgem. Steiger se vê obrigado a retornar, tendo sido chamado de volta por ter adoecido o filho mais novo. Lohmann, que nunca havia saído da capital, também desiste da aventura. Mesmo assim o grupo é numeroso demais, e é dividido, um deles ficando sob a chefia do ajudante de armas de Maximiliano, o oficial de marinha Wilhelm von Tegetthoff²⁸, que teve sob sua responsabilidade os jovens cadetes, e o outro grupo, mais seletivo, composto pelo arquiduque Maximiliano, seu médico Dr. August Jilek, o pintor Joseph Selleny, o botânico Maly, o caçador e dois escravos, ficou sob a direção do “Rei da Floresta”.

Estavam agora nos domínios das tribos indígenas dos Botocudos e dos Pataxós, informa Maximiliano, o que tornava o empreendimento extremamente excitante e romântico. Não foram atacados por canibais, nem sofreram nenhum susto maior, a não ser o encontro com o legendário e temido negro fugido, que por ali se encontrava caçando em companhia de um outro escravo, igualmente foragido, e mais dois peles-vermelhas, que “não inspiravam confiança”, e “cujos olhos pequenos e penetrantes miravam, com atônita e meio idiota admiração” a pequena comitiva²⁹.

Aproximando-se a noite, improvisam um acampamento. Berbert manda abater algumas árvores com esse fim, e folhas de palmeiras servem como cobertura e paredes do cômodo e funcional “rancho”, que ficou depois conhecido como o Rancho do Príncipe, e que encantou Maximiliano, sendo-lhe “muito mais grato do que muito palácio resplandecente”³⁰.

Esse anoitecer em plena mata virgem e a noite passada ao ar livre, em meio a todos os perigos desconhecidos, foi certamente um dos pontos mais altos de toda a viagem transatlântica. A descrição das impressões nessa ocasião ocupa das mais belas páginas do livro. “O ambiente é extremamente romântico”, comenta o

²⁷ Mato Virgem, pp. 142 e s. Sobre Heinrich Berbert, ver o artigo escrito por um descendente seu, Epaminondas Berbert de Castro, Henrique Berbert, o “Rei da Floresta”, in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia, n. 18, Salvador, Bahia, 1972, pp. 192-216.

²⁸ Mato Virgem, pp. 176 e s. O oficial de marinha Wilhelm von Tegetthoff foi um dos mais brilhantes comandantes da marinha de guerra alemã e herói de muitas guerras nesse difícil período da política austríaca. Companheiro de Maximiliano no Brasil, já se tinham ligado por amizade durante o tempo em que o arquiduque exerceu a função de Comandante em Chefe da Frota de Guerra Austríaca. Coube a Tegetthoff a triste missão de, anos mais tarde, ir resgatar o corpo do então imperador do México, levando-o para Viena.

²⁹ Mato Virgem, p. 173.

³⁰ Ibidem, pp. 180 e s.

príncipe, florescendo “a aventura em pleno viço”. Maximiliano vê plenamente satisfeito seu “sentimento de itinerante independente”³¹.

O dia 18 de janeiro ocupa um lugar mais curto nas memórias de *Mato Virgem*. De repente, preocupado com a falta de gêneros alimentícios, pois a parte mais jovem da comitiva, antes da bipartição do grupo, havia devorado imprudentemente quase todas as provisões logo no primeiro dia, e repentinamente atormentado por prosaicos e terríveis carrapatos, que lhe despertam invencível repugnância, Maximiliano decide-se a interromper ali a excursão, e voltar para a fazenda Vitória, para aliviar o mal que o perseguia. O arquiduque tenta justificar-se, explicando que poderia tudo agüentar: a picada das cobras, o calor e a fadiga, e enfrentaria sem receio até mesmo a flecha venenosa do indígena. Nada o teria impressionado, “nenhum esforço, nenhum perigo”. Apenas os carrapatos exóticos o puseram em pânico incontrolável. Além do mais, a fome o atormenta e preocupa. Berbert aceita imediatamente a proposta do retorno, concordando ser imprudente continuar a excursão com tão pouca provisão, pois o grupo era numeroso demais para suportar com galhardia e sem riscos uma aventura mais prolongada.

Voltando pelo mesmo caminho, de novo acampam no “pequeno paraíso”, a clareira do “Racho do Príncipe”. De novo são sacrificados arbustos e palmeiras para o abrigo noturno. Nova noite na floresta milenar, novo sono embalado pelos mil ruídos da selva, novo êxtase do príncipe poeta, que se sente inteiramente recompensado em suas expectativas tropicais³².

Não só o arquiduque está satisfeito. O botânico Maly recolhe um indescritível número de exemplares vegetais para a já farta coleção dos viajantes, destinada ao jardim botânico de Schönbrunn, o palácio imperial de Viena. O pintor Selleny, acostumado a viagens distantes, pois acompanhou a fragata austríaca *Novara* numa viagem de circunavegação, pouco tempo antes, emprega seu tempo em traçar “geniais esboços”, fixando no papel diferentes aspectos dessa extraordinária natureza.

O livro vai aproximando-se do fim. Um novo dia, 19 de janeiro, datado da “colônia alemã às margens do Cachoeiras”, deveria trazer preciosas informações sobre a vida e os costumes dos imigrantes alemães. Entretanto, Maximiliano nada escreve a respeito. Nas poucas páginas que ainda restam do livro, o leitor só encontra a continuação das entusiásticas impressões sobre o *Mato Virgem*. Estranhos ruídos, provocados por tapires buscando o rio próximo, despertam a atenção dos viajantes. Os animais escapam, entretanto, aos tiros do *Rei da Floresta*, para grande frustração de Maximiliano, pois, diz o príncipe, “o caçador europeu não pode imaginar nada mais interessante do que um legítimo exemplar da família dos paquidermes, penetrando a espessura da floresta farfalhante, com grande rumor”.

³¹ Ibidem, p. 186.

³² Ibidem, pp. 203 e s.

Com essas palavras acaba o volume do *Mato Virgem*. É evidente que houve uma interrupção, e uma observação em letras miúdas, no final da página, esclarece ao leitor que “inúmeros negócios impediram o autor até agora de continuar a narração de sua viagem à mata virgem, e que foi tão rica em vivências das mais interessantes”³³.

Provavelmente a comitiva, antes de voltar para a fazenda Vitória, passou pela Colônia Leopoldina, e quem sabe o que Maximiliano ainda teria para contar. Segundo o depoimento do Dr. Wawra, o médico de bordo que, além de médico era também naturalista e preparou a publicação dos resultados botânicos da expedição, a permanência de Maximiliano e seus companheiros na região de Ilhéus foi de uma semana. *Sete dias inteiros*, informa ele, o arquiduque *perambulou pelas sombrias florestas, sem interrupção*³⁴.

De novo o animado grupo embarca no vapor *Elisabeth*, desta vez em direção ao Rio de Janeiro, onde chega a 26 de janeiro. Ali se detêm por oito dias, quando o príncipe visita as duas filhas de Pedro II em Petrópolis e depois segue para o Espírito Santo, onde se encontra com o imperador³⁵. Mais uma vez rumam para o Norte, tocando na Bahia por dois dias apenas, mas com tempo suficiente para Maximiliano voltar a passear pelo Dique e até mesmo fretar um navio até o Recôncavo³⁶. O *Elisabeth* ancora ainda em Recife, último porto brasileiro visitado por Maximiliano³⁷, que continuou guardando o incógnito, passeando pela cidade em companhia do cônsul alemão local, recusando as cortesias do governador

³³ Ibidem, p. 216, a última do livro.

³⁴ Cf. Heinrich Wawra. *Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexico Maximilian I. nach Brasilien. (1859-60)*. Wien, Druck und Verlag von Carl Gerold's Sohn, 2 vols., 1866, p. X do 1.º vol.

³⁵ Sobre a parte da viagem de Maximiliano aos outros pontos do Brasil não há nenhuma publicação do próprio príncipe. De sua mão, conhecemos suas cartas ao imperador seu irmão (cf. Arquivo Nacional de Viena, Kabinettsarchiv. Geheimakten, cx.6), além de notícias de jornais da época, como o *Jornal da Bahia*, o *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comercio* (R. de Janeiro). Cf. ainda Marques dos Santos. *Viagem do Príncipe Maximiliano ao Brasil*, em 1860, in: *Anuário do Museu Imperial*, vol. XVI, 1955, pp. 35-46. Marques dos Santos refaz o trajeto de Maximiliano a partir sobretudo da documentação dos jornais da época. Sobre Maximiliano no Espírito Santo, cf. Levy Rocha. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. R. de Janeiro, Rev. Continente Editorial Ltda., INL-MEC, 1980, 2ª ed.

³⁶ Esta notícia se pode ler no *Jornal da Bahia* de 15.2.1860.

³⁷ Ali passam apenas dois dias. Encontramos no Arquivo Nacional de Viena um recorte de um jornal brasileiro, provavelmente um jornal do Rio de Janeiro (*Jornal do Comercio* ou *Correio Mercantil*), com uma notícia do “interior”, datada de Recife, 17 de Fevereiro de 1860, anunciando e historiando a passagem do arquiduque por aquela cidade, de 15 a 16 de fevereiro. No Arquivo Nacional de Viena encontramos ainda os manuscritos do diário original de Maximiliano, do dia 11 de janeiro a 26 de fevereiro, e que divulgaremos oportunamente.

pernambucano, que foi em vão até o *Elisabeth*, acompanhado de grande comitiva, prestar suas homenagens ao arquiduque austríaco³⁸.

A 28 de março o *Elisabeth* chega a Gravosa, informa ainda o médico Wawra, e Maximiliano segue em outra embarcação para o Trieste, sede de sua residência, e de onde sairá quatro anos mais tarde para outra viagem transoceânica: a visionária empresa mexicana.

II TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Ferdinand Maximilian von Habsburg, ou simplesmente Maximiliano, como o chamamos comumente, nasceu a 6 de julho de 1832, em Viena, no velho palácio de Schönbrunn, residência imperial dos Habsburgos.

Nasceu numa época de consolidação das tradições monárquicas e conservadoras da Europa, representadas sobretudo por Metternich e o sistema da Santa Aliança por ele arquitetado e vigente desde 1815. É também a época da passagem das pretensões universalistas do Sagrado Império Romano Germânico formalmente dissolvido em 1806, do delineamento dos estados nacionais europeus, da reordenação dos estados alemães, onde o antagonismo entre a Áustria e a Prússia se exacerba, ambas tentando para si a supremacia na Confederação dos Estados Alemães.

Maximiliano era o segundo irmão de Francisco José I que, muito jovem, subiu ao trono por ocasião das conturbações resultantes da revolução francesa de 1848. Ambos eram sobrinhos da Imperatriz Leopoldina, primeira esposa de D. Pedro I do Brasil¹.

Na qualidade de irmão do imperador, e obedecendo às conveniências da Corte e da Dinastia, Maximiliano foi encaminhado para a carreira naval. Como convém aos príncipes, para os quais as regalias e exceções são a regra, passa rapidamente por todos os escalões da hierarquia militar: em outubro de 1850, aos 18 anos, é nomeado lugar-tenente. E em setembro de 1854 recebe o título de comandante em chefe da Frota de Guerra Austríaca, sendo logo promovido a contra-almirante². Levando a sério sua tarefa, Maximiliano esforça-se com sucesso pela renovação da rarefeita força naval austríaca, ampliando-a e fortalecendo-a.

¹Cf. Ezequiel Stanley Ramirez. *As relações entre a Áustria e o Brasil. 1815-1889*. S. Paulo. Cia. Editora Nacional, 1968. Pelo parentesco entre as duas Casas, a influência de Viena foi muito grande no Brasil, sobretudo durante o período da minoridade de D. Pedro II. Com a morte do imperador Francisco I, pai de Leopoldina, essas relações se arrefeceram um pouco, mas os acontecimentos políticos brasileiros continuaram a ser seguidos com o maior interesse. Por ocasião da expulsão de Pedro II do Brasil, com a proclamação da República, Viena foi oferecida como refúgio para o imperador e sua família (Cf. Ramirez, op. cit., p. 121).

²Sobre a atividade de Maximiliano como Comandante da Marinha Austríaca, cf. Ulrich Schöndorfer. *Erzherzog Ferdinand Max als österreichischer Marinenkommandant*, in: *Catálogo da Exposição sobre Maximilian von Mexico. 1832-1867. Ausstellung auf Burg Hardegg, 1974*, pp. 44-48.

³⁸Conforme notícia o mesmo jornal pernambucano, provavelmente o *Diário de Pernambuco*, de 17 de fevereiro de 1860.

É por essa época que o arquiduque empreende extensas e variadas viagens, parte delas por mera recreação, ou com finalidades instrutivas, mas parte também como representante imperial. De todo modo, essas viagens vão ao encontro de sua natureza inquieta e curiosa, sedenta de experiência e atividade.

Em companhia de um irmão mais moço, Carlos Ludwig, empreende a primeira viagem em 1850, à Grécia e à Turquia. No ano seguinte, realizando “*um dos seus mais ardentes anelos*”, segundo suas próprias palavras, embarca na fragata *Novara*, rumo ao sul da Itália e à Espanha³.

Maximiliano adquire o hábito de manter um diário, obrigando-se todas as noites a fixar no papel suas impressões de viagem. Ao contrário do irmão imperador, Maximiliano tem pretensões literárias e filosóficas: narcisisticamente, compraz-se em divagações que confia à pena e ao caderno, escrevendo não só os relatos de suas viagens, como também poemas e pensamentos soltos, que mais tarde publicará sob o título de *Aforismos*. Também suas cartas à família, hoje recolhidas no Arquivo Nacional Austríaco, revelam seu gosto pela expressão escrita, seu poder de observação, a perspicácia em traçar retratos, sua arte em descrever a cor local, anunciando o escritor nascente.

Em 1852, tem lugar uma nova viagem, rumo ao Mediterrâneo, em visita à Sicília, Messina, Palermo, Siracusa, às ilhas Baleares, além de mais duas cidades espanholas, Valencia e Murcia. Prosseguindo viagem, ainda a bordo da fragata *Novara*, a mais representativa unidade da frota austríaca, vai até à distante Lisboa, visitando a família real portuguesa, na época sob o cetro da rainha Maria da Glória, filha de Pedro I do Brasil. Mas é sobretudo a rainha-mãe, a viúva de nosso primeiro imperador, que vivia, afastada da corte, em companhia da filha única, Maria Amélia, a figura que mais o impressiona. A ex-imperatriz do Brasil, Amélia de Leuchtenberg, acolhe com prazer o jovem príncipe, que se apaixona perdidamente pela frágil Maria Amélia, então com 20 anos, sendo por ela correspondido⁴. Os dois noivam secretamente, com o consentimento da rainha-mãe e a aprovação da casa real austríaca⁵.

³ Dessa viagem, em 1851, resulta um relato que foi publicado em 1854, sob o título de *Reise-Skizzen. Italien*. Sobre as publicações de Maximiliano falaremos mais adiante.

⁴ Os biógrafos de Maximiliano só se referem de leve a esse romance. Bertita Harding fala de um modo um tanto leviano a respeito, dizendo que na Casa Real portuguesa “*havia uma princesa disponível, jovem, um pouco frágil e — a julgar pelas informações da família, ansiosa sem dúvida por se ver livre dela — encantadora*” (Cf. Bertita Harding, *A Coroa Fantasma*. Tradução de S. Milliet. R. de Janeiro, Livraria J. Olympio Ed., 1952, p. 24). Bertita Harding escreveu muitos livros de biografias, num estilo um tanto folhetinesco, para o grande público. Mas este é um dos poucos trabalhos sobre Maximiliano saídos em português. O original americano é de 1934. Cf. ainda a respeito, F. Edelweiss, op. cit., p. 23. Maximiliano já havia estado apaixonado pela filha do embaixador de Württemberg, Paula von Linden, mas o romance não foi adiante por pressão da Corte, que não achou Paula à altura do nobre pretendente (Cf. nota seguinte).

⁵ Cf. André Castelot, *Maximilien et Charlotte du Mexique. La tragédie de l'ambition*. Paris, Librairie Académique Perrin, 1977, pp. 49 e s. Sobre Amélia de Leuchtenberg, cf. Lygia Lemos Torres, *Imperatriz Dona Amélia*. S. Paulo, 1947, onde a autora, aliás, diz que os noivos não se conheceram pessoalmente (cf. op. cit., p. 227).

Mais uma vez o destino parece querer unir as dinastias de Bragança e Habsburgo. Maria Amélia, porém, sofria da mesma moléstia de que facelera o pai (que, aliás, mal chegou a conhecer). Minada pela tuberculose, e para fugir do inverno europeu, é levada pela mãe para a ilha da Madeira, na esperança de que o clima ameno de Funchal lhe recuperasse a saúde enfraquecida. Mas a princesa piora, vindo a falecer já em fevereiro de 1853, deixando mãe e noivo inconsoláveis⁶.

No fim do ano de 52, prepara-se Maximiliano para uma nova viagem, ao norte da África; a Albânia, onde vai representar oficialmente o imperador, e prestar solidariedade às minorias cristãs, é visitada no começo de 1853. Nesse mesmo ano, vai novamente à Grécia, e ainda ao Oriente Próximo, chegando até Jerusalém e o Egito. De cada uma dessas viagens surgiram “*esboços*”, relatos que, depois de ampliados e literariamente aperfeiçoados, o arquiduque se compraz em publicar⁷.

Maximiliano prossegue em suas atividades administrativas, procurando organizar e ampliar a mirrada armada pátria, empregando todos os seus esforços para elevá-la à importância adequada à influente monarquia habsburguiana, e transformá-la numa temida potência marítima. Em 1855, já contra-almirante e comandante em chefe da Marinha Austríaca, empreende um prolongado cruzeiro no mar Mediterrâneo, com uma esquadra de 14 unidades, a maior que até então a Áustria conhecera. Por sua iniciativa, foi realizada uma grande expedição de cunho ao mesmo tempo científico, político e comercial, a viagem de circunavegação da fragata *Novara* (1857-1859), da qual não participou por ter contraído tifo, justamente antes do embarque⁸. Com finalidades mercantis, auscultando possibilidades de comércio, conseguiu armar a corveta *Caroline*, que esteve na África Oriental e na América do Sul, de 1857 a 1858⁹.

⁶ O terceiro volume dos relatos de viagem de Maximiliano começa com uma dedicatória em versos. São versos dedicados à princesa Maria Amélia, chorando a sua morte. A primeira palavra desse poema de duas estrofes é “*Saudades*”, escrita em português. E a última frase do livro, que narra as viagens de Maximiliano à Sicília, a Lisboa e à Madeira, são também uma lembrança àquela cuja “*existência parecia fadada a garantir a tranqüila felicidade*” da sua... (Cf. F. Edelweiss, op. cit., p. 23; *Reise Skizzen. Sicilien. Lissabon. Madeira*. Viena, 1856, última página).

Sob o título comum de *Reise-Skizzen*, que traduzimos como *esboços de viagem* (Edelweiss usou o termo “*bosquejos*”, op. cit.), Maximiliano publicou sete volumes de relatos, dos quais trataremos num capítulo à parte, o quarto deste trabalho.

⁸ Da viagem de circunavegação da fragata *Novara*, foram publicados relatos e estudos, num total de 21 volumes, constituídos por 3 volumes contendo a parte descritiva, 4 com a parte antropológica, 6 com a parte zoológica, 2 com a parte estatística e comercial, para só nomear alguns dos volumes. Fazia parte da viagem o pintor Selleny, que depois acompanhou Maximiliano ao Brasil. A *Novara* tocou no Rio de Janeiro a 5 de agosto de 1857, ali ficando até o fim do mês. A respeito, cf. Walter Krause, *Die Weltumsegelung der “Novara”*, in: *Maximilian von Mexiko. 1832-1867. Ausstellung ...* op. cit., pp. 40-45. E ainda Ramirez, op. cit., pp. 153 e s.; 232.

⁹ Na corveta *Caroline*, que aportou na Bahia, estava o médico de bordo Heinrich Wawra, que acompanhou Maximiliano ao Brasil. Nessa sua primeira visita à Bahia, Wawra conheceu o Dr. Wucherer, da Escola Tropicalista da Bahia, com quem se ligou por laços de amizade, hospedando-se em sua casa em 1860. Cf. Ramirez, op. cit., p. 253.

Em maio de 1856, o imperador Francisco José envia o irmão a Paris¹⁰, pois é importante para a Áustria conhecer a posição da França face às crescentes e ameaçadoras idéias de unificação dos diferentes estados italianos, o que punha em perigo para Viena a sorte da Lombardia e de Veneza, ainda integrantes do Império.

Maximiliano passa doze dias em Paris, mas nesse curto espaço de tempo sua opinião, inicialmente negativa, muda sensivelmente, e o arquiduque-embaixador escreve ao irmão palavras cada vez mais elogiosas, entusiasmado pelo progresso e pela beleza da capital à margem do Sena, cada vez mais cativado pelo imperador e sua bela consorte, acreditando nas promessas de Napoleão III de não tornar a questão italiana um ponto de discórdia entre os governos de Viena e Paris¹¹.

Maximiliano segue de Paris para Bruxelas, numa visita de deferência e boa vizinhança a Leopoldo I, o primeiro rei da Bélgica. A pequena corte belga arrancou do exigente arquiduque comentários bem mais positivos que a francesa. Maximiliano teve um encontro cordial com Leopoldo I, mas a princesa Carlota, então com 16 anos, quase que lhe passa despercebida. O arquiduque ainda guardava no coração a dor pela perda da princesa brasileira, e não queria pensar em casamento.

Entretanto, em Bruxelas e em Viena a união dos dois príncipes era vista com agrado e aprovação e Maximiliano acabou concordando, resignado pelas "razões de Estado" que, para os Habsburgos, sempre falam mais alto que os sentimentos¹².

O casamento se realiza um ano e meio depois, em julho de 1858. Antes, porém, de certo modo pressionado por Leopoldo I, que desejava ter como genro uma cabeça coroada, Francisco José concordou a contragosto em nomear o irmão Governador Geral do Reino Lombardo-Veneziano, o que foi efetivado em março de 1857¹³. Maximiliano faz sua entrada oficial em Milão um mês depois. É a época difícil e conturbada das violentas lutas de independência e liberdade, em que o

¹⁰ Cf. Egon Caesar Corti. *Die Tragödie eines Kaisers*. Leipzig, Im Insel-Verlag, 1933, pp. 17 e ss. Corti é um dos principais biógrafos de Maximiliano, tendo vários livros sobre o assunto.

¹¹ Cf. Castelot, op. cit., p. 56, onde Castelot mostra a ingenuidade de Maximiliano ao acreditar nas promessas de Napoleão.

¹² Castelot diz que Maximiliano "se resignou a obedecer", concordando afinal em pedir a mão da princesa belga (op. cit., p. 60). Corti diz que Maximiliano não se mostrou entusiasmado, mas que da simpatia resultou aos poucos o amor (op. cit., p. 32). Sobre a princesa Carlota, acaba de ser publicada uma extensa e cuidadosa biografia: Mia Kerckvoorde, *Charlotte, première princesse de Belgique et dernière impératrice du Mexique. La passion et la folie*. Bruxelas, Editions Duculot, 1981. O livro foi originalmente escrito em flamengo e só depois traduzido para o francês.

¹³ Não chega a ser uma coroa. Francisco José pensou em atribuir a Maximiliano funções meramente representativas, não o tendo nem mesmo convidado a assistir à reunião do conselho de ministros, que deveria definir quais seriam suas prerrogativas e suas funções em Milão (cf. Castelot, op. cit., p. 63). Em outras passagens, Castelot se refere ao "meio trono milanês" (op. cit., p. 67).

colorido mosaico dos estados italianos (divididos *grosso modo* entre os Bourbons ao Sul, o Papa em Roma e cercanias e os Habsburgos ao Norte), sacudidos pelas idéias unificadoras de Cavour, vive os últimos anos antes de se agrupar em torno de Vítor Emanuel II.

Maximiliano tenta ganhar a confiança dos venezianos e dos lombardos, empreendendo sábias reformas administrativas. Faz repartir mais equitativamente os impostos, faz generalizar a assistência médica, amplia o porto do lago de Como, faz o saneamento da região, a fim de melhor combater a malária e tornar o solo mais fértil, promove o embelezamento das cidades, diminui o aparato militar ostensivo, para não chamar tanto a atenção da ocupação austríaca, enfim, tenta de todo modo ganhar a confiança dos italianos, o que até certo ponto conseguiu. Entretanto, contrariamente ao prometido, a França apóia militarmente Cavour e os italianos passam a levar nítida vantagem.

Insatisfeito com o excessivo espírito de iniciativa do irmão, Francisco José retirou de suas mãos, em abril de 1859, as rédeas da responsabilidade civil do governo das províncias revoltosas, argumentando que a necessidade de defendê-las o obrigava a confiá-las a poderes militares.

Foi grande o desapontamento de Maximiliano, vendo seu breve sonho de comando e ação desvanecer-se tão depressa, e destruírem-se os grandes esforços que fizera naqueles dois anos de administração. Igualmente, a derrota dos Habsburgos, o paulatino esfacelamento do império que outrora fora tão respeitado e temido, a certeza da incompetência do governo do irmão, deixam o príncipe acabrunhado e desiludido.

Novamente reduzido ao comando da esquadra austríaca, contando então 26 anos, Maximiliano retira-se com Carlota para seu magnífico castelo de Miramar, no golfo de Trieste, e que recentemente mandara construir como sua residência oficial.

Desde 1853 que o arquiduque não fazia uma grande viagem. Inativo e cheio de rancores, amargurado por não lhe ser confiada nenhuma missão de responsabilidade, atormentado por problemas conjugais (segundo discretas alusões de seu bem informado biógrafo André Castelot, que faz referências a um resfriamento nas relações amorosas do jovem casal)¹⁴, Maximiliano decide-se a empreender uma nova viagem, resolvendo realizar a já havia anos programada visita ao Brasil¹⁵.

¹⁴ Cf. Castelot, op. cit., p. 112. M. Kerckvoorde trata das dificuldades amorosas do casal em várias passagens de seu livro (op. cit., pp. 43, 69-76 et passim).

¹⁵ Cf. Ramirez, op. cit., p. 109.

Pouco depois dessa viagem, que ficou na memória de Maximiliano como um dos mais caros momentos de sua vida¹⁶, o destino do príncipe começa a tomar um rumo que nem mesmo as imaginações mais fantasiosas jamais teriam vaticinado ou suspeitado.

Muito já se escreveu a respeito, e nos limitaremos a lembrar que Maximiliano, depois de muitas hesitações e dúvidas, pressionado por sua mulher, influenciado pela insistência e promessas de Napoleão III e sua esposa, fascinado diante dessa oportunidade imprevista que lhe era apresentada, onde poderia combinar sua vontade de ação e realização com seu entusiasmo pela natureza e sua atração pelo Sul, acabou aceitando a coroa mexicana que exaltados monarquistas daquele país lhe ofereciam, sob a condição do apoio, sobretudo militar, da Europa.

Deixando-se proclamar imperador Maximiliano I do México, embarca em direção à sua utopia, chegando em junho de 1864 à capital mexicana.

Enquanto durou a ocupação pelo exército francês, Maximiliano conseguiu, apesar das enormes dificuldades que enfrentava, fazer face a Juárez e manter-se no poder. Trazido para o México por monarquistas, mas tentando o apoio dos liberais, mais próximos de suas idéias e tendências políticas, o antigo arquiduque desagradou a gregos e troianos. Não quis, tampouco, revogar a disposição de Juárez, que estatizara os bens da Igreja. Mais um grupo, da maior importância para a sociedade local — o clero — opôs-se a ele. Quando, em 1865, terminou a Guerra da Secessão, os norte-americanos começaram a pressionar a França, em nome da doutrina Monroe (“*a América para os americanos*”), a retirarem-se do México. Quando isso efetivamente se deu, em 1866, Maximiliano I não teve mais condições de sustentar-se. Desamparado pelos aliados europeus, sem exército suficiente, em meio a um total caos econômico, não restava a Maximiliano senão abdicar. A esposa Carlota opôs-se terminantemente, e notícias de Viena convenceram-no que, voltar falido à Europa seria cumular-se de ridículo, o que tocou profundamente o sentido de honra do príncipe de Habsburgo, que finalmente preferiu ficar a humilhar-se.

Diante da gravidade da situação, Carlota decide, com a hesitante aquiescência do esposo, a viajar sozinha para a Europa, numa desesperada tentativa de buscar apoio político, militar e financeiro para Maximiliano. Não obteve, porém, nenhum auxílio: na França, Napoleão III procurou mesmo esquivar-se de recebê-la. O Papa, em Roma, nada pôde fazer. Francisco José em Viena e Leopoldo II em Bruxelas alegaram problemas internos em seus próprios países.

Carlota entra em completo desespero, vendo a causa do México perdida. Seus nervos não resistem à dura prova e a imperatriz de 27 anos perde o uso das

¹⁶ Cf. Pedro Calmon. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, Liv. J. Olympio Ed., 1975, vol. II, p. 627, em que o autor cita uma carta da imperatriz Carlota à princesa Isabel, e outra ao Conde D’Eu. Nesta última, a imperatriz afirma que Maximiliano “*havia conservado (...) de sua viagem ao Brasil as melhores recordações*”.

faculdades mentais, mergulhando dolorosamente na loucura, da qual só a morte a libertará, sessenta longos anos depois¹⁷.

Maximiliano, no México, prepara-se para enfrentar pessoalmente as tropas republicanas de Juárez. E em Queretaro, depois de resistir por pouco tempo ao cerco guerrilheiro, é finalmente preso com seus generais mexicanos Mejía e Miramón, sendo os três sumariamente julgados, condenados à morte e executados, a 19 de junho de 1867.

Os últimos dias de Maximiliano, o período entre a ordem de prisão, em meados de maio, e a execução, foram dramaticamente descritos pela imprensa do mundo inteiro. Mesmo os jornais brasileiros, na capital como na província, noticiaram consternados, e com abundância de pormenores, o fuzilamento do imperador¹⁸. De todos os relatos que conhecemos, porém, é o de André Castelot o mais abundante de pormenores e, reconstituindo quase que hora por hora esse dramático período, é o mais verídico e o mais transpassado de emoção¹⁹.

Não cabe nesta breve biografia alongarmo-nos a respeito. Há uma pequena particularidade, porém, que toca de perto os brasileiros, e é praticamente desconhecida:

Na madrugada da execução, depois de assistir a sua última missa, Maximiliano, que por todo esse tempo manteve completa calma e domínio de si, volta-se para seu médico, Dr. Basch, que o acompanhava fielmente durante toda a campanha militar, e entrega-lhe seus últimos pertences. A aliança matrimonial, pede-lhe que a remeta à sua mãe, uma vez que as notícias que se tinha era de que Carlota havia

¹⁷ Castelot e Kerckvoorde escrevem longamente sobre o drama da imperatriz Carlota, citando, inclusive, os relatórios semanais que as damas de companhia da infeliz enferma eram obrigadas a fazer, enviando-os ao Rei Leopoldo II, irmão de Carlota. Ela só faleceu em 1927, tendo vivido isolada num castelo nos arredores de Bruxelas, onde a família ia visitá-la regularmente. Cf. A. Castelot, op. cit., pp. 634 e ss.; e M. Kerckvoorde, op. cit., sobretudo os dois últimos capítulos, onde a autora usa importante documentação inédita, inclusive depoimentos de pessoas que conviveram diretamente com a imperatriz.

¹⁸ O *Diário da Bahia* de 31 de julho de 1867 traz um longo artigo historiando os acontecimentos dos últimos dias de Maximiliano, noticiando o que a imprensa internacional escreveu a respeito, informando que Pedro II tinha decretado luto por trinta dias, sendo a primeira quinzena de luto rigoroso, e igualmente “*todas as cortes da Europa têm tomado luto pela morte do arquiduque, umas por mais, outras por menos tempo*”, e conclui: “*numa palavra, por toda a parte houve demonstrações de sentimentos. (...) É, porém notável que não se possa conciliar o atual sentimento de reprovação com um ato praticado na América com a indiferença que a mesma Europa mostra pelos atos semelhantes que repetidamente se praticam na Europa*”.

¹⁹ Em especial sobre os últimos dias de Maximiliano há uma imensa série de publicações, sobretudo mexicanas. Há testemunhos oculares que presenciaram a execução, como o do médico de Maximiliano, que o acompanhou em Queretaro, e que depois escreveu a “*história dos dez últimos meses da vida de Maximiliano*”, e muitos outros (Cf. S. Basch, *Erinnerungen aus Mexico. Geschichte der letzten zehn Monate des Kaiserreichs*. Leipzig, 1868, vols. 1-2).

morrido. Para Viena manda também o terço e o escapulário que foram utilizados durante a missa. Resta ainda uma pequena medalha, presente da imperatriz da França, para trazer-lhe sorte. Tirando-a do peito, Maximiliano destina-a à Imperatriz do Brasil²⁰.

No limiar da morte, um dos seus derradeiros pensamentos foi para a mãe daquela que amara, a princesa brasileira Maria Amélia de Bragança.

somente à sua própria vontade. E se é que jamais existiu uma vida independente, conclui Maximiliano, essa vida é a que Heinrich Berbert leva²⁷.

Com Berbert como guia e chefe da expedição, penetra o grupo cada vez mais profundamente na mata virgem. Steiger se vê obrigado a retornar, tendo sido chamado de volta por ter adoecido o filho mais novo. Lohmann, que nunca havia saído da capital, também desiste da aventura. Mesmo assim o grupo é numeroso demais, e é dividido, um deles ficando sob a chefia do ajudante de armas de Maximiliano, o oficial de marinha Wilhelm von Tegetthoff²⁸, que teve sob sua responsabilidade os jovens cadetes, e o outro grupo, mais seletivo, composto pelo arquiduque Maximiliano, seu médico Dr. August Jilek, o pintor Joseph Selleny, o botânico Maly, o caçador e dois escravos, ficou sob a direção do "Rei da Floresta".

Estavam agora nos domínios das tribos indígenas dos Botocudos e dos Pataxós, informa Maximiliano, o que tornava o empreendimento extremamente excitante e romântico. Não foram atacados por canibais, nem sofreram nenhum susto maior, a não ser o encontro com o legendário e temido negro fugido, que por ali se encontrava caçando em companhia de um outro escravo, igualmente foragido, e mais dois peles-vermelhas, que "não inspiravam confiança", e "cujos olhos pequenos e penetrantes miravam, com atônita e meio idiota admiração" a pequena comitiva²⁹.

Aproximando-se a noite, improvisam um acampamento. Berbert manda abater algumas árvores com esse fim, e folhas de palmeiras servem como cobertura e paredes do cômodo e funcional "rancho", que ficou depois conhecido como o Rancho do Príncipe, e que encantou Maximiliano, sendo-lhe "muito mais grato do que muito palácio resplandecente"³⁰.

Esse anoitecer em plena mata virgem e a noite passada ao ar livre, em meio a todos os perigos desconhecidos, foi certamente um dos pontos mais altos de toda a viagem transatlântica. A descrição das impressões nessa ocasião ocupa das mais belas páginas do livro. "O ambiente é extremamente romântico", comenta o

²⁰ Cf. Bertita Harding, op. cit., pp. 298 e s. M. Keerckvoorde, op. cit., p. 235. Basch nada refere a respeito. Sabemos que Maximiliano manteve até o fim correspondência com a imperatriz viúva de Pedro II, Dona Amélia, chamando-a em suas cartas, algumas das quais tivemos ocasião de folhear no Arquivo Nacional de Viena, de "querida mãe" (cf. Arquivo Nacional de Viena, Arquivo do Imperador Maximiliano I., cx. 72. Cartas de 1853, 1859, 1860, 1861 e 1862, em rascunho).

²⁷ Mato Virgem, pp. 142 e s. Sobre Heinrich Berbert, ver o artigo escrito por um descendente seu, Epaminondas Berbert de Castro, Henrique Berbert, o "Rei da Floresta", in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia, n. 18, Salvador, Bahia, 1972, pp. 192-216.

²⁸ Mato Virgem, pp. 176 e s. O oficial de marinha Wilhelm von Tegetthoff foi um dos mais brilhantes comandantes da marinha de guerra alemã e herói de muitas guerras nesse difícil período da política austríaca. Companheiro de Maximiliano no Brasil, já se tinham ligado por amizade durante o tempo em que o arquiduque exerceu a função de Comandante em Chefe da Frota de Guerra Austríaca. Coube a Tegetthoff a triste missão de, anos mais tarde, ir resgatar o corpo do então imperador do México, levando-o para Viena.

²⁹ Mato Virgem, p. 173.

³⁰ Ibidem, pp. 180 e s.

Viajar é, para Maximiliano, sinônimo de liberdade: poder sair dos estreitos domínios da etiqueta e da corte, poder ser ele mesmo, numa alegria criadora e ativa³. Seus relatos oferecem muito mais que um simples acúmulo de fatos, descrições de lugares e de pessoas, de objetos de arte ou da natureza. Ultrapassam — ou substituem — a documentação. São motivo ou pretexto para um mergulho interior e tudo — ou nada — é centelha para um crepitar de emoções e impressões.

O momento, e não o objeto, o *como* e não o *o quê* prendem a sua atenção, desatam sua inspiração criadora. Começando a viajar desde os 18 anos, dotado de relativamente ampla instrução humanística, como é geralmente facultada aos príncipes, conhecendo várias línguas estrangeiras, como o francês, o italiano, o húngaro e o tcheco, imprescindíveis aos governantes de um tão variado mosaico étnico e político, reunidos baixo uma só coroa, é com facilidade e quase sem sentir que o príncipe estabelece comparações e confrontos, evidenciando seu largo espectro de referências. Uma análise de seus diversos livros de memórias mostra uma evolução e um amadurecimento naturais, conseqüência do avanço da idade, do acúmulo de experiências. Viajar significa, portanto, instruir-se, enriquecer-se cultural e intelectualmente. Não tanto essa instrução livresca e acadêmica, pois desta seus excelentes mestres se encarregaram. Mas formação de personalidade, aprofundamento interior.

No capítulo seguinte, abordaremos este aspecto da personalidade de Maximiliano como escritor romântico. Embora não seja possível separar inteiramente as diversas facetas de uma mesma personalidade, tentaremos limitar-nos aqui a certos elementos que julgamos úteis para o estudo da mentalidade e das contradições, tão típicas de um espírito romântico, encontradas em Maximiliano.

Maximiliano foi um representante da Europa, da realidade de seu tempo e de sua classe social. Suas descrições e comentários, longe de serem objetivos ou imparciais, são muito mais projeções de sua sociedade de origem, reflexos de sua própria biografia. Os livros brasileiros do arquiduque, *Bahia 1860* e *Mato Virgem*, são excelentes exemplos para ilustrarem as relações assimétricas que se foram desenvolvendo e sedimentando ao longo da História, entre os países da revolução industrial e os países colonizados e que, surgidas desde a época dos descobrimentos, se transformaram e aprofundaram no decorrer do século XIX.

Há um equilíbrio de efeitos entre essa assimetria e outras formas de invasão econômica, política e cultural, possibilitando à Europa, embora sendo apenas uma pequena parcela do mundo, exercer o papel de sujeito da História, o papel do elemento dinamizador e propulsor, o papel de interpretar e modelar o mundo à sua imagem⁴.

³“Nos salões finos e perfumados, chamarão a essa tendência busca de aventuras. Mas eu acho que esse tipo de aventura é muito saudável para a formação do caráter”, diz Maximiliano em *Mato Virgem*, à p. 24.

⁴Sobre esse tema há um excelente trabalho do historiador suíço Urs Bitterli. *Die “Wilden” und die “Zivilisierten”*. Die europäisch-überseeische Begegnung. Munique, Verlag H.C. Beck, 1976.

Maximiliano viaja incógnito e pouco se lhe dá que as autoridades brasileiras se tenham preparado para recebê-lo. Na Bahia, em Ilhéus, no Rio, em Pernambuco deixa-as esperar em vão por ele, não lhes dá o prazer de alimentar a vaidade de recepcionar um príncipe de tão alta estirpe⁵. Apenas seus conterrâneos — Lohmann, Steiger, Berbert — conviverão com Sua Alteza mais intimamente. Identifica-se sobretudo com Steiger, e isso pela aproximação do status social, pela coincidência da visão de mundo de ambos, pela comum rejeição de certos padrões esclerosados. No Recôncavo, já havia encontrado o proprietário do próspero *Engenho Novo*, Tomás Pereira Geremoabo, e lhe rendera preito de admiração. Mas faltou a faísca ateadora do fogo da mútua confraternização. Terá sido por causa dos escuros e inquietos olhos do usineiro⁶, ou por ter ele “*obscuras histórias de escravos no passado*”⁷?

Geremoabo está do outro lado da balança. Apesar de sua “*operosidade e seu talento*”, é apenas um reflexo pálido e distorcido do modelo ideal. Com ele, estão os colonizados, os aculturados, espelhados nessa Europa onisciente e onipotente, convertidos à sua religião e às suas idéias, não importando se rejeitando-as ou macaqueando-as, mas definitiva e irreversivelmente incluídos na sua esfera de domínio e de cultura.

Os relatos de viagem em geral, mas particularmente *Bahia 1860* e *Mato Virgem*, representam uma significativa contribuição para a interpretação e análise da imagem que os países da revolução industrial fazem de suas colônias ou satélites. A distância cultural e o contraste entre o narrador e o objeto de sua narração tornam-se evidentes e especialmente gritantes pela subjetividade espontânea do escritor.

Os relatos de viagem — e vemos nos livros de Maximiliano, pela pujança de impressões e tipo de informações, um especial exemplo disso — não apenas são a expressão dessas relações assimétricas, mas forjam, eles mesmos, essa assimetria.

⁵O quanto as autoridades devem ter ficado aborrecidas e irritadas com o comportamento de Maximiliano pode-se depreender de um artigo de jornal, publicado em Pernambuco, de 17 de fevereiro de 1860, que anuncia a presença de Maximiliano em Recife, “*sob o mesmo incógnito que tem conservado por toda parte*”. E noticia, ferinamente: “*quando o presidente da província, acompanhado de seu ajudante de ordens, chefe da estação naval, capitão do porto, inspetor do arsenal de marinha, comandantes dos vasos de guerra estacionados neste porto, e mais uma magna comitente caterva de oficiais foi a bordo apresentar-lhe os seus cumprimentos, já não o encontrou. O comandante Koken recebeu mui delicadamente S. Ex. e encarregou-se de transmitir a S. A. todos os oferecimentos que S. Ex. lhe fez, já de cômodos, e pouso em terra se quisesse, já de meios para visitar facilmente nossos arrabaldes*” (a ortografia foi por nós modernizada). O mesmo artigo avisa que Maximiliano não mais iria ao Pará, como havia sido anteriormente programado, e “*onde era esperado com pompa, tendo-se para isso decorado o palácio da presidência.*”

⁶Cf. *Bahia 1860*, p. 240.

⁷Ibidem, p. 275. Vale a pena citar o trecho completo: “*Não possuísse o homem escravos no presente e nem obscuras histórias de escravos no passado, julgar-me-ia feliz em contá-lo entre os meus amigos, dada a sua operosidade e o seu talento*”. Teria Steiger menos escravos? e nenhuma história?

Sendo exteriorização sobre aquilo que foi visto e observado em países estranhos, a própria narrativa constrói essa realidade alienígena. E isso porque ela tem a capacidade de, persuasivamente, impor como verdade aceita, fato incontestado, detalhe essencial, os traços da imagem que se vai compondo ao sabor desses relatos.

O que nos conta *Bahia 1860* ou, de modo ainda mais exemplar para o que acabamos de afirmar, o que nos conta *Mato Virgem*? O que nos deixa de contar?

O relato da Bahia e do Recôncavo é mais rico em pormenores, mais variado, mais episódico, mais informativo. Entretanto, fora uns poucos retratos nitidamente delineados, entre os quais se sobressai o de Geremoabo, a maioria dos tipos humanos que são referidos no diário da Bahia carece de contornos precisos, mal ultrapassando o estereótipo. A natureza aparece prodigamente descrita mas, mesmo com o acúmulo de detalhes, de colorido, de nomes científicos, o leitor retém ainda mais precisamente o retrato do autor.

O que ficou de Ilhéus, no passeio dado pelo príncipe poeta e pintor? uma nesga de areia alvíssima, umas casinhas tortas e sem janelas, uma igreja com um padre desocupado, uma palheta multicolor de epidermes. Quem são os moradores das casinhas de brinquedo, que fazem, onde atuam? o que está por detrás do colorido da pele ou o desbotado do cabelo dessa gente que burburinha pelo cais⁸? e os colonos sem nome e sem profissão, dos quais só se ouve o saudar tristonho e melancólico⁹?

Uma leitura atenta das páginas dos diários do Brasil faz-nos indagar que mecanismos cognitivos influenciaram Maximiliano na apresentação da realidade vivenciada.

Podemos encontrar um caminho de análise da obra do arquiduque austríaco através do pensamento de Lucien Goldmann. O conhecido autor francês estuda, em seu livro sobre as estruturas mentais e a criação cultural¹⁰, as características básicas do pensamento e da sensibilidade quando determinados e mesmo estruturados pelo modo de viver e de ver o mundo de um certo grupo social, no seio do qual esse modo de viver e de ver surgiu e pode desenvolver-se.

Para Lucien Goldmann, a criação cultural pode ser explicada por três conceitos: o conceito de *visão de mundo*, que ele define como sendo um conjunto de aspirações, sentimentos e idéias que reúne os membros de um grupo, em geral de

⁸Cf. *Mato Virgem*, p. 31.

⁹Ibidem, p. 47. Maximiliano, ao subir de canoa o Rio Cachoeira, rumo à Fazenda Vitória, cruza com outra embarcação que ia no sentido contrário, com um casal de imigrantes. A mulher saúda-o com um "Guten Morgen" de compatriota, enquanto o homem, que remava, permaneceu calado, "os sentimentos já embotados", conclui o arquiduque.

¹⁰Cf. Lucien Goldmann. *Structures mentales et création culturelle*. Paris, édition anthropos, 1970.

uma classe social, opondo-os aos outros grupos, e o conceito de *consciência coletiva*, que seria a tendência comum dos membros de uma classe ou de um grupo aos mesmos sentimentos e aspirações, tendência que se desenvolve precisamente a partir de uma situação econômica e social comum, e que determina e caracteriza a *biografia coletiva* desse grupo, uma vez que todo pensamento, toda maneira de sentir e de viver estão estruturados e determinados por categorias mentais estreitamente ligadas à existência e à vida concreta de grupos no interior dos quais esse pensamento e essa maneira de sentir nasceram e se desenvolveram¹¹.

O arquiduque Ferdinando Maximiliano de Habsburgo, da linhagem de Carlos V e de Maria Teresa, genro de Leopoldo I da Bélgica e sobrinho-afim de Vitória da Inglaterra, assumindo os padrões de sua classe social e nelas integrado, viu o Brasil com os olhos de um romântico príncipe em férias. Dele pode-se esperar, no máximo, alguma complacência, um bondoso sorriso superior (o que, aliás, quase nunca é o caso) face a esse império tão recente, "onde tudo traz a marca do passageiro", "onde todos, do imperador ao menino de rua, ainda não passaram aqui três gerações"¹². E não apenas sua reação face ao elemento escravo é reflexo e fruto de sua "biografia coletiva", para usar mais uma vez a expressão de Goldmann. Igualmente coerentes e fiéis a seu contexto social e cultural são suas observações a respeito de representantes de outras classes "populares", como "o padeco amarelo" do Bonfim¹³, ou o mestiço Antônio do Norte¹⁴, de Ilhéus, o negro fugido e criminoso¹⁵, do *Mato Virgem*, ou comentários acerca dos diferentes representantes subalternos da lei, dos grandes ou pequenos fazendeiros locais ou estrangeiros, e assim por diante.

Príncipe, ele se pode permitir brincadeiras e travessuras tais como passar por cima da etiqueta e saltar apressadamente em terra, passeando incógnito pela cidade. Pode permitir-se irritar as autoridades locais, frustrando-lhes a oportunidade de exibirem-se ao lado do real visitante. Pode chocar a etiqueta, usando roupas inconventionais, misturar-se aos fumantes de um salão de bilhar¹⁶, comer abacaxis na mísera cabana de um preto velho¹⁷, vestir a camisa de um simples colono imigrante¹⁸, dormir numa rede, num rancho improvisado em plena flores-

¹¹Goldmann desenvolve a idéia de sujeito individual e sujeito coletivo, fazendo a distinção entre traços essencialmente individuais, pessoais de uma biografia e aqueles que pertencem a uma camada social comum, que moldam, formam e deformam a personalidade, condicionando-a independentemente da interferência da pessoa. Cf. nota anterior.

¹²Cf. *Bahia 1860*, p. 129.

¹³Ibidem, p. 135.

¹⁴Cf. *Mato Virgem*, p. 136.

¹⁵Ibidem, p. 116.

¹⁶Cf. *Bahia 1860*, p. 62.

¹⁷Ibidem, p. 212.

¹⁸Cf. *Mato Virgem*, p. 146.

discurso interior, uma auto-afirmação. Não é a Bahia o objeto principal do livro; nem tampouco a floresta tropical. O tema desses livros de viagem é a viagem ao próprio eu de Maximiliano. E o autor se apresenta e se representa, romântico, megalomaníaco e narcisista, tocantemente humano e vulnerável, fazendo o leitor de hoje debruçar-se nessas páginas com interesse e participação, perdoando-lhe o sarcasmo e a intolerância, deixando-se contaminar por sua própria emoção.

IV AS PUBLICAÇÕES DE MAXIMILIANO

A produção literária de Maximiliano conheceu diversas edições, tanto em alemão como em francês, em inglês, em espanhol e em italiano. Apenas em português havia permanecido lamentavelmente inédita.

Maximiliano escreveu poemas e relações de viagem, além de outras obras menores, de que trataremos oportunamente.

O arquiduque começou a publicar seus relatos, alguns anos depois das viagens que empreendeu. Deu-lhes um título geral de *Esboços de Viagem – Reise Skizzen* – com subtítulos relativos aos diferentes lugares por onde passou. As edições originais foram feitas em Viena, a partir de seus manuscritos, reelaborados sobre as anotações que tomava durante as viagens. Foram impressos pela Tipografia Imperial da Corte e do Estado¹, numa tiragem extremamente reduzida de meia centena de exemplares, destinados a um círculo fechado de leitores, parentes ou amigos íntimos, cuidadosamente escolhidos².

Além desses relatos de viagem, em número de sete, o arquiduque ainda editou quatro volumes de poesias – *Gedichte*³ – dos quais dois em 1859, o terceiro em 1863 e o quarto em 1864, ano da publicação também de *Mato Virgem*. Dos poemas, no terceiro volume se encontram, sob o título comum de *Oceania*, os versos escritos durante a viagem ao Brasil.

Não pára aí a produção literária de Maximiliano. Há ainda os *Aforismos Aphorismen* – que primeiro conheceram publicação em separado, em 1861⁴. São pequenos dísticos de cunho filosófico ou político, que revelam menos o poeta do que o pensador estadista, mas de valor secundário e relativo.

¹ São seis os volumes e o título original é o seguinte: Maximilian I. Kaiser von Mexiko. *Reise Skizzen*. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei. 1854-1861. Vols. 1-6. O sétimo volume, que é *Mato Virgem*, não tem o título comum aos demais, de *Reise Skizzen*, nessa edição original de 1864. Também é o único que não apresenta dedicatória, embora o caderno manuscrito, guardado no Arquivo Nacional de Viena, traga o oferecimento: "aos meus amigos da floresta".

² Cf. entre outros F. Edelweiss, op. cit., p. 30; e ainda Walter Krause, *Maximilians Reisen und Reiseberichte*, in: *Maximilian v. Mexiko, 1832-1867. Ausstellung ...* op. cit., p. 25; Friederich von Hellwald *Maximilian I Kaiser von Mexiko*. Viena, 1869, I, p. 50.

³ Maximilian I. Imperador do México. *Gedichte*. Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1859-1864. Vols. 1-4.

⁴ Idem. *Aphorismen*. Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1861.

Logo depois da trágica morte de Maximiliano em Queretaro, no mesmo ano de 1867, uma casa editora em Leipzig, fora de seu país natal portanto, republica as principais obras do infeliz imperador, provavelmente na expectativa de uma recompensa comercial, pois o drama que envolveu o desaparecimento do imperador despertaria sem dúvida o interesse de um maior número de leitores⁵.

Trata-se também de sete volumes, igualmente anônimos como tudo o que Maximiliano publicou em vida, mas nos quais foram introduzidas certas modificações.

O título geral é alongado, passando a ser: *Aus meinem Leben. Reiseskizzen, Aphorismen, Gedichte*. O que se pode traduzir por: *Da minha vida. Esboços de viagem, aforismos, poemas*⁶. Os esboços passam a ser numerados de 1 a 12 e no sétimo volume, além de *Mato Virgem*, foram acrescentados os aforismos e uma coletânea de poemas, tirados dos quatro livros, mas sem referência às edições originais. Os poemas sobre o Brasil estão quase todos na primeira parte, intitulada *Folhas do livro de família*⁷.

O editor de Leipzig eliminou ainda as dedicatórias, presentes em todas as edições originais e algumas das quais são bastante reveladoras. Além desses cortes, houve várias e numerosas reduções que, não chegando a diminuir sensivelmente o conjunto de informações, pois trata-se em geral de cortes de umas poucas linhas e mais raramente substituição de termos, têm uma importância a bem dizer política. Omitiram-se certas passagens em que a crítica de Maximiliano a certas instituições ou a pessoas de casas reinantes poderia despertar hostilidades ou ferir suscetibilidades. Como exemplo, lembramos as observações negativas sobre Napoleão e sua corte sem maiores tradições⁸, ou as diversas irônicas investidas contra os diferentes estados alemães divididos entre si e dificultando a unidade nacional, de tal modo que, se um trem possui mais de doze vagões, ao parar em uma das estações da Confederação Alemã, tem obrigatoriamente de *ficar com a máquina em um reino, o corpo dentro de um ducado e ainda circunda com a cauda algum principado*⁹.

⁵ Cf. Elisabeth Springer. Maximilians Persönlichkeit, in: Maximilian v. Mexiko, 1832-1867. Ausstellung... op. cit., p. 12.

⁶ *Aus meinem Leben. Reiseskizzen, Aphorismen, Gedichte*. Leipzig, Duncker & Humblot, 1867. (O termo *Reise Skizzen* passou a ser escrito numa palavra só). O número de páginas reduziu-se, mas sobretudo devido ao tipo de impressão, mais denso, a página com mais número de linhas.

⁷ Eis alguns títulos de poemas de Maximilian, dessa coleção: "Bom-dia na floresta", "Meia-noite na Floresta", "Trem de Ferro na Mata", "Febre Amarela", "Aguardente", "Noite no Paraguaçu", "Saudade do mar", e muitos outros.

⁸ O único autor que, do nosso conhecimento, fez uma comparação entre as duas edições, embora que apenas de forma muito breve, foi Elisabeth Springer, op. cit., p. 20 e s.

⁹ Cf. por exemplo, *Bahia 1860*, p. 332. Mas os trechos desse tipo são inúmeros. Na edição brasileira de *Bahia 1860* e de *Mato-Virgem*, cuja preparação está sob nossa responsabilidade, chamamos atenção de todas as passagens em que as duas edições diferem.

No quinto volume dos *Esboços de Viagem*, antes de atravessar a linha do Equador, mas já a caminho do Brasil, Maximiliano narra com abundância de pormenores a noite de Ano Novo, passada na Ilha de S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde, quando ele e os oficiais do *Elisabeth* dançam uma quadrilha com as damas negras do lugar. Duas ou três frases menos discretas foram suprimidas na edição póstuma. "Esquecendo a sagrada lei da cor" e "deixando de lado qualquer etiqueta", os viajantes alemães dançaram com as mulheres negras da ilha, "os homens em elegantes roupas de viagem, as mulheres em mulambos de algodão, colares de missangas ao pescoço", mas com "uma exatidão e graciosidade que despertaram admiração e animação"¹⁰.

Igualmente logo depois do desaparecimento de Maximiliano, a mesma casa editora Duncker & Humblot publicou um inédito do falecido imperador, o primeiro de todos os relatos de viagem, até então mantido como manuscrito nos arquivos imperiais, contendo a narrativa da viagem de Maximiliano à Grécia, em 1851, quando contava 18 anos de idade. Este é o único livro do nosso autor que traz um prefácio, assinado pelos editores, no qual eles esclarecem as circunstâncias da publicação¹¹.

Ainda desejamos enumerar outras publicações de Maximiliano, se bem que praticamente nunca incluídas em sua bibliografia, mas que encontramos catalogadas na Biblioteca Nacional de Viena.

Trata-se do *Diário Meteorológico do Vapor de S. M. Imperial Elisabeth, de 1.12.1859 a 17.3.1860*, saído também em Viena, pela Imprensa Imperial, no mesmo ano da publicação de *Passando a Linha do Equador e de Bahia 1860*, isto é, um ano depois da viagem ao Brasil, portanto em 1861. Contém apenas tabelas náuticas e deve ter sido levantado pelos oficiais de bordo, não sendo de fato da autoria do arquiduque. Para o estudioso brasileiro, traz alguns pormenores curiosos, possibilitando acompanhar o roteiro completo do nobre visitante, e informar-se, por exemplo, que no dia da chegada à Bahia, 11 de janeiro, ancorando às 10 horas da manhã na Baía de Todos os Santos, foi anotada, como única observação, um *enorme calor*¹².

Nada tendo que ver com suas viagens, mas ligado às atividades de Maximiliano como chefe da esquadra austríaca, há vários opúsculos sobre a

¹⁰ Cf. Maximilian I. Imperador do México. *Ueber die Linie*, 1860, Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1861, pp. 240 e s.

¹¹ Cf. Maximilian I. Imperador do México. *Mein erster Ausflug. Wanderungen in Griechenland*. Leipzig, Duncker & Humblot, 1868. Prefácio, pp. VII-XII.

¹² Idem, *Meteorologisches Tagebuch Seiner Majestät Dampfer Elisabeth. Vom 1. Dezember 1859 bis 17. März 1860*. Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1861. Apesar de ser catalogado sob o nome de Maximiliano, parece evidente que o príncipe teve pouca ou nenhuma participação nas tabelas de que se compõe o livro. As tabelas começam em dezembro, mas a viagem já principiara desde o mês anterior.

marinha austríaca, entre eles as *observações esclarecedoras sobre o orçamento da marinha de guerra imperial*¹³.

Na época imediatamente posterior a seu afastamento do governo Lombardo-Veneziano, acompanhando amargurado, e de longe, a política austríaca, Maximiliano escreveu panfletos inconformados e um tanto agitadores, alguns anônimos como seus outros livros, mas outros assinados, fustigando em textos severos a incúria do governo vienense, no dizer de André Castelot¹⁴. Entre eles, destacam-se "*A Marinha por um marinheiro austríaco*"; "*Projetos de reorganização da Marinha Austríaca*"; "*Orçamento extraordinário da Marinha de Guerra*". Todos eles, juntamente com as "*Observações Esclarecedoras*", encontram-se encadernados juntos sob o título comum de *Marine*, cujas indicações bibliográficas não encontramos em nenhuma parte, mas que tivemos ocasião de consultar na Biblioteca Nacional de Viena, cujo catálogo registra apenas as *Observações Esclarecedoras*, tal como damos na nota 13.

Mais tarde, já imperador do México, foram reunidas em livro suas *Alocuciones, cartas oficiales e instrucciones durante los años de 1864, 1865 y 1866*. Do mesmo ano, 1867, foi ainda publicado o opúsculo *Los traidores pintados por si mismos*, que não conseguimos até agora obter, mas que deve mostrar a crise final do governo de Maximiliano¹⁵. Parte dessas indicações bibliográficas foram tiradas da Biblioteca Nacional de Viena, parte do Catálogo Bibliográfico do Museu Britânico.

Maximiliano não veio ao Brasil como príncipe, mas sim como amante da natureza. Trouxe consigo toda uma equipe de cientistas para ajudá-lo na tarefa de coletar material para os jardins imperiais e para seu museu particular, e não descurou da divulgação científica das raridades botânicas encontradas.

O médico de bordo do *Elisabeth*, Dr. Heinrich Wawra, foi encarregado de preparar uma publicação com os *resultados botânicos* da expedição, o que levou a efeito depois de várias vicissitudes. Trata-se de uma bela obra, em dois volumes de grande formato, no primeiro dos quais Wawra faz uma longa introdução, historiando a viagem de Maximiliano (e aí relatando pormenores que não são encontrados em outras fontes), descrevendo a natureza tropical, tanto na capital, como no Recôncavo e em Ilhéus, explicando o procedimento da coleta e a organização do material. O segundo volume contém cem belíssimas pranchas, ilustração da descrição das principais espécies coletadas¹⁶.

¹³ Maximilian I. Imperador do México. *Erläuternde Bemerkungen zum Budget der kaiserlichen Kriegs-Marine*. Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1863.

¹⁴ Cf. Castelot, op. cit., p. 105.

¹⁵ O primeiro livro foi publicado no México, pela Imprensa Imperial, em 1867. O segundo, igualmente no México, Imprensa del Gobierno, 1867.

¹⁶ Cf. Heinrich von Fernsee Wawra. *Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexiko, Maximilian I. Nach Brasilien (1859-1860)*. Viena, C. Gerold's Sohn, 1866, vols. 1-2. Pode-se traduzir o título para: *Resultados botânicos da viagem de S. M. Imperador do México, Maximiliano I, ao Brasil*.

A coleção das aroideas foi analisada pessoalmente pelo diretor dos jardins imperiais, Heinrich Wilhelm Schott, que pretendia publicá-la, tendo falecido antes de levar a termo seu precioso estudo¹⁷. A admiração de Maximiliano pelo fazendeiro Ferdinand von Steiger foi patenteada com uma significativa homenagem: o nome de Steiger foi dado ao exemplar *Zomicarpa Steigeriana* "*em grata lembrança pelo hospitaleiro acolhimento*", conforme as palavras finais da descrição dessa planta¹⁸.

Já no ano seguinte à morte de Maximiliano surgiram as primeiras traduções de suas memórias.

A tradução francesa compreende dois volumes e conheceu duas edições sucessivas (1868 e 1869). Foi feita por Jules Gaillard, com o título *Lembranças de minha vida*, a partir da edição póstuma de Leipzig. Gaillard escreve um longo prefácio, no qual afirma ter sido o próprio Maximiliano que providenciou essa segunda edição, propositalmente fora da Áustria, e já antes mesmo de seguir para o México. O trabalho de edição só foi retomado em 1866, e o imperador, mesmo lá do México, se ocupou pessoalmente com a revisão, indicando correções e sobretudo supressões. Com a morte de Maximiliano, "*num gesto de humanidade*", o imperador Francisco José, seu irmão, deu ordem de se retomar e terminar a impressão das *Memórias* de Maximiliano. Como, porém, Gaillard traz várias imprecisões em seu prefácio, transmitimos suas informações com certa reserva. Jules Gaillard revela também que Maximiliano teria confiado os cuidados da impressão de sua obra conjunta ao barão Munch-Bellinghausen, conhecido na literatura alemã sob o pseudônimo de Friedrich Halm¹⁹.

Em inglês há duas traduções, das quais não obtivemos senão as indicações bibliográficas, não nos tendo sido até agora dado utilizá-las pessoalmente. A Biblioteca Nacional de Viena não possui essas traduções²⁰.

Também em 1868 saiu uma tradução em língua italiana da viagem do então arquiduque a Nápoles e a Florença, sob o título *Pagine sull'Italia*. Maximiliano, que tinha sido governador do Reino Lombardo-Veneziano antes de vir ao Brasil, demonstrava especial amor e carinho pela Itália e pelos italianos²¹.

¹⁷ Cf. Heinrich Wilhelm Schott. *Aroideae Maximilianae. Die auf der Reise Sr. Majestät des Kaisers Maximilian I. Nach Brasilien Gesammelten Arongewächse, nach handschriftlichen Aufzeichnungen von H. Schott*. Viena, 1879. (As aroideas coletadas durante a viagem de S. M. Imperador Maximiliano I ao Brasil, segundo as anotações manuscritas de H. Schott).

¹⁸ Cf. Schott, op. cit., prancha 1, p. 2.

¹⁹ *Souvenirs de ma vie. Memoires de Maximilien*, traduits par Jules Gaillard. Paris, Lacroix, 1868, Vols. 1-2. A mesma informação sobre Friedrich Halm encontramos em Walter Krause, op. cit., p. 25.

²⁰ *Recollections on my life*. London, R. Bentley, 1868, vols. 1-3. E ainda: *On the Wing*. By Maximilian. Traduzido por A. M. Lushington. London, Saunders, Otley and Co., 1868.

²¹ *Pagine sull'Italia*. Firenze, Botta, 1868.

As traduções em espanhol apareceram compreensivelmente no México, e foram duas edições diferentes, de diferentes tradutores. Só conseguimos localizar uma delas, traduzida do inglês, com o título *Memorias de mi vida*. O primeiro tomo compreende a tradução dos volumes I e II e o segundo tomo, dos volumes III e IV, além de uma pequena parte do volume V, evidentemente tendo sido a edição de Leipzig a base. Interessante notar que o tradutor só chegou até o ponto do embarque de Maximiliano para o Brasil, saindo da Ilha da Madeira. Parou, assim, no dia 15 de dezembro de 1859, deixando mais da metade do volume sem traduzir²².

A recepção dos livros de Maximiliano parece ter sido favorável, na medida em que foram conhecidos. Serviram mesmo de fonte para alguns livros de aventuras de Karl May, conhecido autor alemão de literatura juvenil²³.

O viajante alemão Oscar Canstatt, que passou pela primeira vez no Brasil em 1867, logo depois da publicação póstuma dos livros de Maximiliano, portanto, e que depois se radicou por longos anos no Rio Grande do Sul, transcreve vários trechos de *Bahia 1860*, entre eles uma página sobre o Dique e outra sobre os caranguejos do manguezal de Itaparica²⁴.

Já os aforismos e os poemas tiveram circulação mais reduzida. Uma pequena seleção de sete poemas foi reproduzida em 1868, igualmente editada em Leipzig, com ilustrações sentimentais de Hermine Stilke, oferecidas ao imperador Francisco José, sob o título melodramático de *Imortais do túmulo de um imperador. Poemas*²⁵.

Os aforismos foram reeditados no catálogo de uma exposição, feita em 1974 no castelo de Hardegg, na Áustria, sobre Maximiliano, com uma documentação histórica e iconográfica sobre o imperador do México, do maior interesse²⁶.

²² *Memorias de mi vida*. Traducidas del inglés por Lorenzo Elizaga. México, Empronta de F. Diaz de Leon y Santiago White, 1869. A Biblioteca Nacional de Viena possui uma outra tradução com o título *Recuerdos de mi vida. Memorias*. Mexico, Escalante, 1869.

²³ Karl May (1842-1912) escreveu livros de aventuras para a juventude, tratando quase sempre de histórias passadas em países exóticos. Seus livros gozam de imensa popularidade na Alemanha, e mesmo no Brasil, conhecendo sucessivas edições.

²⁴ Cf. Oscar Canstatt. *Brasilien. Land und Leute*. Berlin, Ernst Siegfried und Sohn, 1877. Há tradução em português: *Brasil. Terra e Gente*. 1871. R. de Janeiro, Pongetti Ed., 1954, pp. 252 e s. e 260 e s. Cf. ainda Moema Parente Augel, 1980, p. 111.

²⁵ Maximilian I. Imperador do Mexico. *Immortellen aus einer Kaisergruft. Dichtungen*. Mit Illustrationen von Hermine Stilke. Leipzig, Arnoldischer Buchhandlung, 1868.

²⁶ É o catálogo que tantas vezes já citamos no decorrer deste trabalho. *Austellung...* Contém diversos artigos, sobre diferentes aspetos da vida e das atividades de Maximiliano, dos quais os de Krause e de Springer são os que mais nos interessaram. Contém também a melhor bibliografia de e sobre Maximiliano.

Sobre a obra literária de Maximiliano foi feita uma dissertação de doutorado, na Suíça, em Lausanne, em 1910. É um cuidadoso trabalho de análise dos escritos do arquiduque, tanto os relatos de viagem quanto os poemas e os aforismos. A autora, entretanto, limitou-se a utilizar a edição póstuma de Leipzig, o que é lamentável, por ser ela bem menos completa, sobretudo na parte relativa aos poemas, dos quais foi feita apenas uma seleção²⁷.

O Arquivo Nacional de Viena, no seu acervo em parte ainda inexplorado, revela-nos que Maximiliano pretendia escrever pelo menos mais dois livros sobre o Brasil, provavelmente com a narrativa de sua passagem pelo Rio de Janeiro e por Pernambuco, obras de vulto, com plano de ilustrações de insetos e borboletas, plantas e talvez paisagens, incluindo ainda um retrato do autor²⁸. Além do plano da obra, encontramos um material que mostra as primeiras etapas da preparação desse trabalho: inúmeras anotações de livros de outros viajantes anteriores, tais como Burmeister, Fletcher, Rugendas, Adalbert da Prússia e Darwin; também listas de assuntos, listas de localidades e pontos turísticos do Rio, enfim, uma preciosa documentação do trabalho preparatório para um livro que não foi escrito, mas que mostra o cuidado e o método empregado por Maximiliano na confecção de seus relatos de viagem²⁹.

Esses relatos tiveram portanto como base as notas diárias tomadas durante a própria viagem, notas que tivemos oportunidade de ter em mãos, ao examinar o acervo do Fundo Maximiliano I, em Viena, e que oportunamente deverão ser publicadas.

Pelo visto, o arquiduque ditava essas notas muito breves, que se apresentam muito corrigidas e completadas com a sua letra. Em parte ele as escreveu do próprio punho, mas apenas raramente. Trata-se de uma emocionante e valiosa documentação, ainda completamente inédita, folhas soltas trazendo o registro da estada completa no Brasil, do dia 11 de janeiro ao dia 16 de fevereiro, incluindo, portanto, o período passado no Rio, no Espírito Santo e em Recife, além de, evidentemente, completar o diário de Ilhéus que, como já vimos, foi publicado inacabado³⁰.

²⁷ Cf. Euphemia von Ferro. *Erzherzog Ferdinand Maximilian von Oesterreich Kaiser von Mexico als Dichter und Schriftsteller*. Dissertação. Lausanne, Buchdruckerei Charles Pache, 1910.

²⁸ Cf. Arquivo Nacional de Viena, Arquivo de Maximiliano I, cx. 101.

²⁹ *Ibidem*. O Catálogo da Biblioteca do Castelo Miramar, com cerca de 3.550 títulos até 1863, elucida muito bem que bibliografia Maximiliano tinha à disposição. Cf. *Catalog der Bibliothek von Miramar*. Viena, Hof- und Staatsdruckerei, 1863.

³⁰ *Ibidem*. Do punho de Maximiliano, são sobretudo as notícias dos dias 11 a 14 de fevereiro.

16. Januar. *Stiefeln, Hand, Mäntel* ... *bei dem ...*

17. Januar. *Grünfliegen, Vögel, ...*



18. Januar. *Grünfliegen, ...*

Uma página do manuscrito original do diário de Maximiliano em Ilhéus, dos dias 16, 17 e 18 de janeiro, vendo-se à esquerda um esboço da localização do "RANCHO DO PRÍNCIPE". (Arquivo Nacional de Viena, Arquivo de Maximiliano I, Imperador do México).

19 Janeiro. *Sonstige Nachrichten aus dem Königreich Brasilien.* — *Die geographische Beschreibung von Bahia, von dem Geographen, dem Baron von Humboldt. Geographische Nachrichten von Bahia, von dem Geographen, dem Baron von Humboldt.* — *Die geographische Beschreibung von Bahia, von dem Geographen, dem Baron von Humboldt.*

20 Janeiro. *Lebensgeschichte des Kaisers von Brasilien.* — *Die Kaiserin Maria Leopoldina von Brasilien.* — *Die Kaiserin Maria Leopoldina von Brasilien.*

Dias 19 e 20 de janeiro Maximiliano narrou suas impressões de Ilhéus e do Mato Virgem apenas até o dia 19. O resto do seu diário continua inédito. (Arquivo Nacional de Viena, Arquivo de Maximiliano I, Imperador do México).

Wetherell, cônego inglês na Bahia por muito tempo. Todos estes são autores que estiveram em outros pontos do Brasil, incluindo a região de Ilhéus, ou as montanhas de Itatiaia, ou o vale do São Francisco.

V
O ESCRITOR ROMÂNTICO

Maximiliano esteve por duas vezes na capital da Bahia: de 11 a 13 de janeiro, e depois, de volta do Rio de Janeiro, nos dias 11 e 12 de fevereiro. Em Ilhéus passou de 14 a 22 de janeiro. Ao todo, a viagem durou cerca de quatro meses e meio, dos quais grande parte passada no mar.

É impressionante o resultado literário desse breve cruzeiro: ao todo, 824 páginas de impressões e informações, espalhadas em três volumes de memórias, além de toda a produção poética, da qual não trataremos aqui¹.

Trata-se de um caso único na literatura de viajantes estrangeiros no Brasil, e nos interessa analisá-lo com vagar.

Maximiliano se inclui prazerosamente na categoria de viajante, e considera seu dever a “difícil tarefa de observar atentamente (...) e em seguida escrever” seus relatos de viagem², a fim de transmitir mais tarde a futuros leitores o fruto dessas atentas observações. Nenhum colega de ofício, entretanto, legou à posteridade algo semelhante.

Em relação à Bahia, se examinarmos os escritos dos viajantes estrangeiros, vemos diferentes modalidades desse gênero.

Há diários como o de Thomas Lindley, preso por contrabando de pau-brasil, e que trata exclusivamente da Bahia. Ou o de Louis de Tollenare que esteve em Salvador por vários meses a negócios, escrevendo suas *notas dominicais*; a parte relativa à Bahia é muito extensa e foi mesmo publicada separadamente. Ambos tratam de um longo período de tempo.

Temos cartas-relatórios, como as de Ferdinand Denis, que são cartas reais, ou as de Dugrivet, fictícias e fantasiosas. Conhecemos documentação de um longo período vivido na Bahia, como a do médico inglês Robert Dundas, ou de Asschen-

¹Ou seja, os volumes *Ueber die Linie*, com 266 páginas; *Bahia 1860*, com 342 páginas, e *Mato Virgem*, com 216 páginas. A edição póstuma de Leipzig tem um número menor de páginas, como já dissemos anteriormente.

²Cf. *Bahia 1860*, p. 208. Na véspera do Natal de 1859, pouco tempo antes de passar o Equador, Maximiliano escrevia algo semelhante: “utilizei a manhã para escrever cartas e o meu diário, uma verdadeira plaga em viagens distantes, e que só por sendo de dever pode ser suportada” (*Ueber die Linie*, p. 246).

feldt, outro médico, alemão, que clinicou na região de Ilhéus, ou as anotações de Wetherell, cônsul inglês na Bahia por muito tempo. Todos esses são autores que, se estiveram em outros pontos do Brasil, limitaram-se a escrever sobre a Bahia³.

Em geral, porém, o relato sobre a Bahia ocupa um ou vários capítulos de um conjunto, uma vez que o viajante passou por outros pontos do país, que igualmente descreve. É o caso de Maximiliano de Wied-Neuwied, de Spix e Martius, de Maria Graham, Rugendas, Agassiz, Kidder, Fletcher, Avé-Lallemant, Tschudi, para só citar alguns.

Maximiliano, porém, discorre em mais de trezentas páginas sobre o que viu, achou e sentiu em apenas quatro dias de Bahia. O livro *Mato Virgem* tem 216 páginas, das quais menos de dez tratam de Ilhéus e o resto são suas impressões de três dias na selva. O volume dos *Esboços de Viagem*, que descreve a passagem do Equador, tem 266 páginas, e está esperando uma merecida tradução para o português. Sobre as referências à ilha da Madeira são extremamente interessantes.

Nos meados do século XIX, eram incontáveis as publicações no gênero da literatura de viagens. Viam-se sobretudo obras relativas a viagens de descobrimento e de exploração científica, continuando a explosão do gênero, verificada no século anterior, quando nomes como os de Cook, Foster e Bougainville figuram entre os principais.

Os relatos de viagem de Maximiliano, segundo suas próprias palavras, em mais de uma passagem de seus livros, pretendem transmitir o fruto fiel de suas observações. O acúmulo de termos botânicos bem mostra a honestidade de intenções do autor. Já vimos, porém, que nas memórias de viajante de Maximiliano brilham sobretudo os trechos em que ele fala de si mesmo, ou melhor, deixa transparecer o seu eu interior. Além do mais, as pretensões estéticas e literárias, propriamente ditas, são igualmente bem claras de se destacarem nos diversos *Esboços*. Por isso, não é demais afirmar que figuras mestras da literatura européia, como Goethe, Moritz e sobretudo Heine, sem esquecer Alexander von Humboldt que, na descrição de terras distantes, detém a palma entre os escritores de viagem, todos esses festejados autores não deixaram de exercer, direta ou indiretamente, decidida influência na obra do arquiduque itinerante⁴.

Assim, não é possível analisar Maximiliano apenas sob o prisma de viajante e conseqüente relator de suas viagens. Temos que ver nele o escritor romântico, que lança mão desse difundido gênero como instrumento de suas pretensões estéticas.

Numa breve comparação com a literatura de viagem de Heinrich Heine, Euphemia von Ferro é da opinião que, se os românticos e líricos quadros traçados

³ Cf. Moema Parente Augel, 1980, op. cit.

⁴ Cf. Euphemia v. Ferro, op. cit., p. 28 e s. Cf. ainda Manfred Link. *Der Reisebericht als literarische Kunstform von Goethe bis Heine*. Dissertação. Colônia, 1963, pp. 181 e s.

pelo conhecido escritor alemão são, pelo alto teor poético, pela mordaz ironia e pela vivacidade de expressão e de espírito as mais completas obras de arte do gênero. Os *Esboços* de Maximiliano da Áustria, se bem que empalidecendo diante de um tal confronto, encerram muitos pontos positivos e dignos de admiração merecendo ser examinados com interesse⁵. Mostram, ao lado de certo encanto estético, atração sobretudo pelo ar de verdade e de sinceridade que deles se depende.

O valor dos relatos de Maximiliano é mais biográfico do que propriamente literário, e isso justamente por esse tom de convicção, esse desencadear de impressões tão humanas e poderosas, vivenciadas tão entusiasticamente, conseguindo prender mesmo o leitor mais exigente⁶.

Como documento humano, como estudo de caráter psicológico, são os *Esboços de Viagem* um precioso testemunho para a compreensão da personalidade daquele que, para uns tentou salvar um país em crise, para outros ousou participar de uma invasão nefanda, tendo sofrido a merecida consequência.

Maximiliano foi um fruto de seu tempo. Não podia furtar-se às influências vigentes do romantismo, principalmente por ser seu temperamento tão propício justamente para esse tipo de visão do mundo. Daí a tendência, tantas vezes espelhada em seus escritos, de buscar contrastes fortes e marcantes, daí a preocupação constante em captar fielmente a cor local, a profunda identificação de sua personalidade com a natureza, sua sensibilidade inteligente, mas também seu narcisismo, sua propensão ao egocentrismo, querendo fazer o mundo girar em torno dele mesmo, todas essas características estéticas e psicológicas do Romantismo.

E não podia deixar de ser assim mesmo. O viajante romântico, diz em algum lugar Alfred Biese, não se limita ao relato de fatos e de coisas. Ele deixa o leitor debruçar-se no espelho de seu próprio eu⁷.

Maximiliano sempre se sentiu atraído pelo exotismo, pela busca do novo e do outro: "*Só me sinto bem lá onde as palmeiras ondeiam*", cantou ele num poema da juventude⁸. Em suas múltiplas viagens, foi justamente o exótico, o desconhecido, o contrastante que mais lhe prendeu a atenção e o que mais ocupa a sua pena. Já a fascinação pelo mar, a escolha da carreira naval, a localização de seu belo

⁵ Cf. Euphemia v. Ferro, op. cit., p. 33.

⁶ Cf. Th. Dubois, *Les oeuvres posthumes de l'archiduc Maximilien*. in: *Feuilleton du Temps*. Paris, agosto de 1867. Apud v. Ferro, op. cit., p. 55.

⁷ Cf. Alfred Biese, *Das Naturgefühl im Wandel der Zeiten*. Leipzig, Verlag von Quelle & Meyer, 1926, p. 193.

⁸ Cf. Maximilian I, Imperador do México. *Immortellen aus einer Kaisergruft*, op. cit., no poema chamado "*Dahin, Dahin!*" (não paginado).

castelo no Golfo de Trieste, o Castelo Miramar, confirmam a coerência entre a sua biografia e suas produções literárias, refletem com fidelidade suas vivências reais e principais preferências.

Por origem e por educação, pertence Maximiliano muito mais ao círculo cultural ligado à Europa do Norte. Mas o arquiduque se sente, contraditoriamente, atraído pelas terras distantes e meridionais, preferindo o sol e o calor, odiando o frio e o cinzento, desprezando a falta de contrastes e de vitalidade dos países da Europa Central. Em várias passagens de suas memórias expressa essa aversão, como por ocasião de sua ida a Málaga, na primeira etapa da viagem transoceânica, em 1859, quando diz, irreverentemente que “antes ser um asno em Málaga do que um sábio no úmido e frio Norte”⁹. Na Bahia, fascinado pela amenidade do clima, goza-se por estar tão distante da frígida Europa, onde até mesmo em pleno verão, tantas vezes se tem que deixar arder a lareira¹⁰.

São muitos os motivos de insatisfação para Maximiliano. O príncipe considera a Europa gasta e corrompida, o excesso de civilização embotou os sentimentos, só o cálculo e a hipocrisia dominam, e é com tristeza, asco e decepção que o irmão do imperador contempla, a exemplo de sua própria dinastia, o esfacelamento dos valores e da autenticidade no Velho Continente. Por isso mesmo, enche-se de admiração e velada inveja diante do Barão von Steiger, jovem e promissor oficial a serviço da Prússia, e que resolveu abandonar a carreira, a família, a pátria e a segurança, a “cultura Europa”, enfim, para tentar a sorte do outro lado do oceano, e viver “livre e independentemente” naquela terra distante dos Ilhéus, “prestando contas só a Deus e a sua consciência, completamente feliz e realizado”. longe da assim chamada civilização e da “fossilizada Europa”¹¹.

O deslocamento geográfico provoca um impacto no visitante, desenhando comparações entre a sua própria sociedade e seus próprios valores de um lado, e a terra estranha e exótica do outro. Em Maximiliano, vemos uma certa flutuação entre essas duas impressões muito fortes e muito decisivas: o príncipe olha com miradas críticas a situação política, cultural e social das terras que visita, considerando etnocentricamente como o bom e o certo os princípios de seu país de origem. Assim, ridiculariza o império do Brasil, carrega impiedosamente as cores ao referir-se às imperfeições e limitações dos governantes, mal disfarça uma arrogante certeza de superioridade, mas por outro lado, boceja de tédio ao lembrar-se da Áustria e da Europa, arrepiando-se de indignação contra o estado de decadência do Velho Mundo, e perde-se em êxtase e alumbramento face às belezas naturais que contempla.

⁹ Cf. Ueber die Linie.

¹⁰ Cf. Bahia 1860, pp. 231 e s., et passim.

¹¹ Cf. Mato Virgem, p. 60.

Essas contradições, que são também característica do espírito romântico, próprias dos sentimentos e das idéias de Maximiliano, podem ser assinaladas a cada passo de seus livros.

Para o escritor romântico, é ele o centro do mundo. O próprio eu é a ponte que o liga a seus semelhantes, e em torno do qual se ordenam valores e interesses. No fundo, o romântico é um narcisista que se considera a si mesmo um herói. E seu destino tem de ser menos banal do que o do resto dos mortais.

Já em uma de suas primeiras viagens, na Espanha, aproximando-se emocionado das relíquias guardadas no túmulo de Carlos V, em Granada, é com orgulho e melancolia que imagina ser “para um sobrinho do Habsburgo espanhol (...) um lindo e brilhante sonho” poder cingir aquela coroa real e empunhar o poderoso cetro de seu antepassado¹².

Quando, a bordo do *Elisabeth*, prepara-se para cruzar a linha do Equador, confessa abertamente seu orgulho, pois “o *Elisabeth* é o primeiro vapor austriaco que, desde que o vapor rege o mundo, passou a linha. E, embora já uma mulher de minha estirpe nos tenha mostrado o caminho para o Novo Mundo, alegro-me todavia em ser o primeiro homem de minha Casa a atingir o hemisfério sul”¹³.

Ao avistar pela primeira vez a terra sulamericana, a 10 de janeiro, repete o mesmo pensamento: “até me parece um conto de fada ser eu o primeiro descendente de Fernando e Isabel (...) a pisar neste continente que conquistou tão gigantesca significação para a história da humanidade”¹⁴.

Encarnando o verdadeiro herói, sente-se positivamente desafiado a enfrentar a mata virgem, justamente por causa dos perigos e imprevistos que ela pode oferecer. Em sua fantasia, Maximiliano colore com tintas ainda mais vivas as hipotéticas e arriscadas façanhas que o esperam, fazendo da empreitada o coroa-mento de suas vivências nos trópicos.

Não queria, como os demais europeus “que se limitaram a procurar plantas e atirar em pássaros nas proximidades das povoações”, ser igual aos outros. “Dirigi meus passos até aqui”, argumenta mais uma vez o príncipe, justamente “para enfrentar aventuras verdadeiras e inevitáveis, para captar as selvagens impressões do Mato Virgem, através de canseiras e adversidades”¹⁵. Por isso mesmo, enorme foi sua decepção, e muito pouco poético, nada aventureiro e de modo algum heróico o

¹² Esse trecho do segundo volume das memórias de Maximiliano é citado por quase todos os seus biógrafos, que querem com isso mostrar a gênese da decisão de Maximiliano de aceitar a coroa mexicana. Cf. Ueber die Linie, p. 164.

¹³ Cf. Ueber die Linie, p. 259.

¹⁴ Ibidem, p. 263.

¹⁵ Mato Virgem, p. 86.

fato de surpreender-se coberto e devorado por humilhantes, insignificantes, pro-saicos carrapatos¹⁶.

A influência do Romantismo mostra-se também nessa sua tendência a rebelar-se contra o *status quo*, sua ânsia por liberdade, seu desrespeito pelas convenções, como se pode ver em tantas passagens de *Bahia 1860* e em *Mato Virgem*.

Insiste em guardar o incógnito e conservar-se anônimo, gesto de liberdade e de independência de sua forte personalidade, sem dúvida. Mas talvez algo mais exista nessa rebelde insistência em ignorar as autoridades brasileiras. Maximiliano ruminava ainda todo o rancor e amargura que sua curta e frustrante experiência de mando lhe tinham causado. Essa reserva pode, assim, espelhar o momento biográfico do semi-monarca destituído, sofrendo a humilhação de ex-governador da Lombardia e Veneza. Maximiliano não queria representar a Casa que o tinha afastado, e só no Rio de Janeiro saiu do anonimato, visitando as princesas suas primas, e indo ao encontro de Pedro II, no Espírito Santo.

Em Ilhéus, como as passagens que citamos de *Mato Virgem* já o mostraram, e de fato ao longo de todo o livro isso se patenteia, Maximiliano se deixa impregnar por essa fugaz liberdade, sempre de novo rejeitando interiormente a velha, esgotada, fossilizada Europa, mas sabendo muito bem que, retornando, voltará a adaptar-se ao ambiente que sua condição exige. A lembrança constante dos Alpes, essa região tão diferente da que estava visitando, mas igualmente agreste, isolada, "virgem", pelo menos até certo ponto, não seria a expressão do conflito interior em que o príncipe-poeta se achava? Não podemos deixar de lembrar a sorte que nos próximos anos aguardava Maximiliano, distanciando-se do Velho Mundo, mas dele levando para os trópicos o cetro e a coroa de Carlos V.

O amor pela natureza, o entusiasmo que tem pela beleza e harmonia das obras do Criador, Maximiliano faz transparecer em cada passo de suas memórias. Os trechos relativos à pintura da paisagem podem ser contados, literariamente, entre as mais bem sucedidas passagens de seus livros. Ora deparamos com a larga descrição de amplos quadros, numa tentativa de reproduzir uma visão de conjunto, como a exposição da chegada à baía de Todos os Santos, a descrição do Dique e de sua vegetação, a subida pelo rio Paraguaçu ou, em Ilhéus, pelo pequeno rio Cachoeira, a pintura da floresta tanto em Itaparica, em Ilhéus ou no Recôncavo. Outras vezes, é um detalhe que lhe chama a atenção, e Maximiliano se esmera na procura da transmissão para o papel das cores e do movimento de um colibri ou do sangue-de-boi, do perfume e delicadeza de formas de uma ou outra flor, da estranheza e exotismo do tucano. Sobretudo *Mato Virgem*, mais do que qualquer outro livro de Maximiliano, é como um álbum de aquarelas românticas e sensitivas de um delicado pintor paisagista.

¹⁶ Ibidem, p. 197.

Em poucos escritores a vida e o sonho, a experiência e a fantasia estiveram tão estreitamente ligados. Maximiliano viveu e vivenciou, ele mesmo, quase tudo o que escreveu e descreveu. Sua obra não se limita a um romantismo poetizado, mas sim autenticamente experimentado e sentido, integrado nas mais fortes e mais individuais facetas de sua personalidade.

Príncipe por nascimento e poeta por temperamento, sua biografia e seus escritos mostram-no permanentemente dividido: de um lado, o arquiduque de rígida formação aristocrática, conscientemente orgulhoso da grandeza de sua linhagem e da sua responsabilidade política e social, convicto de, por isso mesmo, estar privilegiadamente acima dos demais. Do outro lado, a alma sensível e lírica, o sonhador romântico e egocentrado, o pintor impressionista, de rico colorido e largas pinceladas. O príncipe orgulhoso, arrogante e altivo contrasta com o poeta exaltado e sensitivo.

A alma do poeta deslumbra-se com os espetáculos da natureza, deixa-se traspasar pelos pitorescos instantâneos captados da vida popular. Na perspectiva do príncipe, são os concretos problemas da administração e da política que instigam seu interesse e suas reflexões.

Sem procurar justificá-lo, e longe de querer negar o absurdo de sua imissão nos problemas de um país independente, vemos nessa profunda duplicidade da personalidade de Maximiliano da Áustria a razão principal de se ter deixado levar à visionária empreitada mexicana. Maximiliano viveu como um romântico, procurando sempre um ideal inatingível. Também o romantismo arrastou-o à prisão e à morte trágica, em Queretaro, epílogo adequado para essa natureza contraditória.

VI ROTEIRO DA VIAGEM DE MAXIMILIANO AO BRASIL

O roteiro da viagem de Maximiliano ao Brasil pode ser reconstituído a partir de diferentes fontes. A "tabela meteorológica", anotada durante a travessia do *Elisabeth*, traz uma documentação para o período de 1º de dezembro de 1859 a 17 de março de 1860, embora bastante lacônica¹. A introdução da obra sobre os "resultados botânicos da viagem", publicados pelo Dr. Heinrich Wawra, também contribui com alguns dados acessórios². Através dos jornais da época, tanto os da Bahia (*Diário da Bahia e Jornal da Bahia*), como os do Rio de Janeiro (*Correio Mercantil, Jornal do Comercio*), de Pernambuco (*Diário de Pernambuco*) e os do Espírito Santo (*Correio da Vitoria, Jornal da Vitoria*)³, para só citar alguns, registram a passagem do príncipe nos diferentes pontos do país. Tivemos a oportunidade de ver no Arquivo Nacional de Viena um plano detalhado da viagem, que todavia não foi obedecido, como é fácil comprovar pela documentação existente⁴.

Usando essas diferentes fontes de informação, levantamos um itinerário, do qual damos aqui os pontos principais, para que o leitor tenha uma idéia aproximada de como decorreu a grande viagem transoceânica do arquiduque austríaco:

- 10.11.1859 Saída de Trieste, a bordo do iate-vapor *Phantasie*. A princesa Carlota fazia parte do grupo de viajantes.
- 18.11 Mudança para o vapor *Elisabeth*, mais possante para enfrentar o mau tempo e os perigos da travessia.
- 1 a 13.12 Estada em Gibraltar.
- 6 a 22.12 Estada na Ilha da Madeira (com uma interrupção de 4 dias, quando visitaram Tenerife).

¹ *Meteorologisches Tagebuch Seiner Majestät Dampfer Elisabeth*, op. cit.

² Cf. H. Wawra, *Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexiko, Maximilian I., nach Brasilien*, op. cit., vol. I.

³ Para as informações dadas pelos jornais da época, cf. sobretudo Marques dos Santos, op. cit.; sobre a estada de Maximiliano no Espírito Santo, conhecemos apenas o livro de Levy Rocha, op. cit., de onde retiramos as referências aos jornais locais, que até o momento não pudemos consultar pessoalmente.

⁴ Cf. Arquivo Nacional de Viena, Arquivo de Maximiliano I, Imperador do México, caixa 100.

- 22.12 O *Elisabeth* prossegue viagem, com destino ao Brasil. A princesa Carlota permanece na Ilha da Madeira, onde esperará pela volta do esposo.
- 30.12 a 1.1.1860 Estada nas Ilhas do Cabo Verde. Comemoram a passagem do ano na Ilha de S. Vicente.
- 2.1 Início da etapa principal da viagem: travessia do Atlântico.
- 7.1 Passagem da Linha do Equador.
- 10.1 Chegada a Salvador, Bahia. Visita a Itaparica e ao Recôncavo. Permanência na capital baiana até 14.
- 14.1 Partida para Ilhéus. Visita à propriedade rural do Barão Steiger e ao "mato virgem". Permanência aí até 22.
- 26.1 Chegada no Rio de Janeiro. Permanência até 5.2. O príncipe vai até Petrópolis, onde visita as filhas de Pedro II.
- 7.2 Chegada ao Espírito Santo. Permanência aí até 9. Maximiliano acompanha Pedro II a Itapemirim.
- 11.2 Chegada à capital da Bahia. Permanência até 13. Nova visita ao Recôncavo.
- 15.2 Chegada a Pernambuco. Permanência até 16. Partida do Brasil.
- 27.2 Chegada a S. Vicente, onde ficam até 29.
- 6.3 Chegada a Funchal, na Ilha da Madeira, onde a princesa Carlota se reúne novamente ao esposo. Permanência até dia 12, quando seguem para Cadiz, continuando no mesmo dia para Gibraltar.
- 28.3 O *Elisabeth* chega a Gravosa, e Maximiliano prossegue em outra embarcação para Trieste, finalizando assim sua viagem ao Brasil.
- 2.4 Chegada a Trieste. Maximiliano esteve ausente quase cinco meses.

Aus meinem Leben. Reisezeiten, Aphorismen, Gedichte. Leipzig, Duncker & Humblot, 1867. Vols. I-7.

19 vol. - Reisezeiten I
29 vol. - Reisezeiten II
39 vol. - Reisezeiten III-VII

VII BIBLIOGRAFIA DE MAXIMILIANO

IV Die Balmen, 1852
V Valencia und Murcia, 1853
VI Lissabon, 1853
VII Matagorda, 1853

Obras de MAXIMILIANO I, IMPERADOR DO MÉXICO, em ordem cronológica:

VIII Gallesien, 1853
IX Ein Stück Albanien, 1853
X Reise Skizzen. Als Manuskript gedruckt. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1854-1861. Vols. 1-6:

Reise Skizzen. Italien - 1854

Reise Skizzen. Spanien - 1855

Reise Skizzen. Sicilien. Lissabon. Madeira - 1856

Reise Skizzen. Ein Stück Albanien. Galloafrica - 1856

Reise Skizzen. Ueber die Linie, 1860-1861

Reise Skizzen. Bahia, 1860-1861

Gedichte. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1859-1864. Vols. 1-4.

Die österreichische Marine von einem österreichischen Seemann. Wien, Druck u. Verlag der Typograf. literar-artist-Anstalt (L. C. Zamarki & C. Dittmarsch). Pola, 1860.

Aphorismen. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1861.

Meteorologisches Tagebuch Seiner Majestät Dampfer Elisabeth. Vom 1. December 1859 bis 17. März 1860. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1861.

Erläuternde Bemerkungen zum Budget der kaiserlichen Kriegs-Marine. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1863 (com outros escritos reunidos sob o título comum *Marine*. Viena, 1863).

Mato Virgem. Als Manuskript gedruckt. Wien, aus der k.k. Hof- und Staatsdruckerei, 1864.

Alocuciones, cartas oficiales e instrucciones durante los anos de 1864, 1865 y 1866. México, Imprenta imperial, 1867.

Los traidores pintados por si mismos. México, Imprenta del Gobierno, 1867.

Aus meinem Leben. Reiseskizzen, Aphorismen, Gedichte. Leipzig, Duncker & Humblot, 1867. Vols. 1-7:

- 1^o vol. – Reiseskizzen I – Italien
2^o vol. – Reiseskizzen II – Andalusien und Granada. 1851
3^o vol. – Reiseskizzen III - VII
III – Einige Tage in Sicilien. 1852
IV – Die Balearen. 1852
V – Valencia und Murcia. 1852
VI – Lissabon. 1852
VII – Madeira. 1852
4^o vol. – Reiseskizzen VIII, IX
VIII – Galloafrica, 1852
IX – Ein Stück Albanien. 1853
5^o vol. – Reiseskizzen X – Ueber die Linie. 1860
6^o vol. – Reiseskizzen XI – Bahia. 1860
7^o vol. – Reiseskizzen XII, Aphorismen, Gedichte
XII – Mato Virgem

Mein erster Ausflug. Wanderungen in Griechenland. Leipzig, Duncker und Humblot, 1868.

Immortellen aus einer Kaisergruft. Dichtungen. Mit Illustrationen von Hermine Stilke. Leipzig, Arnoldischer Verlag, 1868.

Souvenirs de ma vie. Mémoires de Maximilien. Traduit par Jules Gaillard. Paris, A. Lacroix, Verboeckhoven & Cie., 1868; 1869².

Recollections on my Life. Londres, R. Bentley, 1868. Vols. 1-3.

On the Wing. By Maximilian... Traduzido por A. M. Lushington. Londres, Saunders, Otley and Co., 1868.

Pagine sull'Italia di Massimiliano d'Absburgo. Tradoto dal tedesco di F. Saverio Boufigei. Firenze, Tipografia Eredi Botta, 1868.

Memorias de mi vida. Traducidas del inglés por Lorenzo Elizaga. Mexico, Imprenta de F. Dias de León y S. White, 1869. Vols. 1-2

Recuerdos de mi vida: memorias de Maximiliano. Traducidas por D. José Linares y D. Luis Mendez. Mexico, F. Escalante, 1869. Vols. 1-2.

Tres cartas inéditas del emperador Maximiliano. México, D. F. Vargas Rea, 1944.

Aphorismen. In: *Maximilian von Mexico. 1832-1867. Ausstellung auf Burg Hardegg a. d. Thaya* (13.5.-17.11.1874). Wien, Enzenhofer 1974.

VIII BIBLIOGRAFIA GERAL

ASSCHENFELDT, Friedrich. *Memoiren aus meinem Tagebuche, geführt während meiner Reisen und meines Aufenthaltes in Brasilien in den Jahren 1843 bis 1847.* Oldenburg in Holstein, C. Fränckel, 1848.

AUGEL, Moema Parente. *Ludwig Riedel – Viajante alemão no Brasil.* Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

_____. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista.* São Paulo, Ed. Cultrix, INL/MEC, 1980.

AVÉ-LALLEMANT, Robert Christian Berthold. *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859.* Leipzig, F. A. Brockhaus, 1860.

_____. *Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859.* Trad. de Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro; INL, 1961, vols. 1-2.

BARRAL, Condessa de. *Cartas a Suas Majestades. 1850-1890.* Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1977.

BASCH, Samuel. *Erinnerungen aus Mexico. Geschichte der letzten zehn Monate des Kaiserreichs.* Leipzig, 1868, vols. 1-2.

BIESE, Alfred. *Das Naturgefühl im Wandel der Zeiten.* Leipzig, Verlag von Quelle & Meyer, 1926.

BITTERLI, Urs. *Die "Wilden" und die "Zivilisierten": Grundzüge einer Geistes- und Kulturgeschichte der europäisch-überseeischen Begegnung.* Munique, C. H. Beck, 1976.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II.* Rio de Janeiro. Livr. José Olympio Ed., 1975, vols. 1-5.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade.* São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

CANSTATT, Oscar. *Brasilien. Land und Leute.* Berlin, Ernst Siegfried & Sohn, 1877.

- _____. *Brasil. A terra e a gente. 1871.* Rio de Janeiro, Pongetti, 1954.
- CASTELOT, André. *Maximilien et Charlotte du Mexique. La tragédie de l'ambition.* Paris, Librairie Académique Perrin, 1977.
- CASTRO, Epaminondas Berbert de. Henrique Berbert, o "Rei da Floresta", in: *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*, n. 18, Salvador, Bahia, 1972, pp. 192-216.
- CHINARD, Gilbert. *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française.* Paris, E. Droz, 1934.
- CORTI, Egon Caesar, Conde. *Die Tragödie eines Kaisers.* Leipzig, Insel-Verlag, 1933.
- Diario da Bahia*, anos 1860 e 1867.
- Dubois, Th. Les oeuvres posthumes de l'archiduc Maximilien, in: *Feuilleton du Temps.* Paris, août 1867.
- EDELWEISS, Frederico. *A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia.* Bahia, Centro de Estudos Baianos, caderno n. 43, 1960.
- _____. Maximiliano da Áustria, in: *Ensaio Biográficos.* Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1976, pp. 21-31.
- ESCARPIT, Robert (org.). *Le littéraire et le social. Éléments pour une sociologie de la littérature.* Paris, Ed. Flammarion, 1970.
- FERRO, Euphemia von. *Erzherzog Ferdinand Maximilian von Österreich, Kaiser von Mexico, als Dichter und Schriftsteller.* Lausanne, Charles Pache, 1910.
- FREYREISS, Georg Wilhelm. *Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaiserthums Brasiliens nebst einer Schilderung der neuen Colonie Leopoldina und der wichtigsten Erwerbszweige für europäische Ansiedler, so wie auch einer Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedelungen missglückten.* Erster Theil. Frankfurt am Main, 1824.
- GOLDMANN, Lucien. *Structures mentales et création culturelle.* Paris, édition anthropos, 1970.
- _____. *La création culturelle dans la société moderne.* Paris, édition anthropos, 1971.
- HASLIP, Joan. *Maximilian, Kaiser von Mexico.* Munique, 1972.

- Haus-, Hof- und Staatsarchiv Wien (Arquivo Nacional de Viena).
Kabinettsarchiv Geheimakten, cx. 6.
Archiv Kaiser Maximilian I von Mexiko.
- HELLWALD, Friedrich. *Maximilian I., Kaiser von Mexiko.* Viena, W. Braumüller, 1869, vols. 1-2.
- Jornal da Bahia*, janeiro a março de 1860.
- KERCKVOORDE, Mia. *Charlotte, première princesse de Belgique, dernière impératrice du Mexique. La passion et la fatalité.* Bruxelles, Presses Duculot, 1981.
- KRAUSE, Walter. Maximilians Reise und Reiseberichte, in: *Maximilian von Mexiko. 1832-1867.* Ausstellung auf Burg Hardegg. Viena, Enzenhoffer, 1974, pp. 24-39.
- KUHN, Joachim. *Das Ende des maximilianischen Kaiserreichs.* Göttingen, Berlin, Frankfurt, Musterschmidt Verlag, 1965.
- LINK, Manfred. *Der Reisebericht als literarische Kunstform von Goethe bis Heine.* Tese de doutorado, Colônia, 1963.
- Maximilian von Mexiko. 1832-1867.* Ausstellung auf Burg Hardegg a.d. Thaya (13.5-17.11.1974). Viena, Enzenhofer, 1974.
- MORENO, Cesar Fernandez (org.). *América Latina en su literatura.* Mexico, Siglo Veintiuno ed., 1974.
- NEESER, Hermann. *A Colônia Leopoldina.* Salvador, Bahia, Centro de Estudos Baianos, Caderno n. 5.
- OBERACKER Jr., Karl Heinrich. *Contribuição teuta à formação da Nação Brasileira.* Rio de Janeiro, Ed. Presença, 1968.
- PRANTNER, Johanna. *Der Beitrag des Hauses Habsburg-Lothringen und österreichischen Geistesgutes zur Entwicklung Brasiliens während der Monarchie im 19. Jahrhundert.* Tese de doutorado, Viena, 1968.
- PREISWERK, Roy, e Dominique PERROT. *Ethnocentrisme et Histoire.* Paris, éditions anthropos, 1975.
- RAMIREZ, Ezequiel Stanley. *As relações entre a Áustria e o Brasil. 1815-1889.* Tradução e notas de A. J. Lacombe, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1968.

ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Rio de Janeiro, Revista Continente Editorial Ltda./INL-MEC, 1980, 2ª ed.

SANTOS, Marques dos. *Viagem do Príncipe Maximiliano ao Brasil, em 1860*, in: *Anuário do Museu Imperial*, vol. XVI, 1955, pp. 35-46.

SCHERZER, Karl. *Reise der Österreichischen Fregatte Novara um die Erde*. Beschreibender Theil. Viena, 1861-1862, vols. 1-3.

SCHONDORFER, Ulrich. Erzherzog Ferdinand Max als österreichischer Marinekommandant, in: *Maximilian v. Mexiko. 1832-1867*. Ausstellung auf Burg Hardegg. Viena, Enzenhofer, 1974, pp. 44-48.

SCHOTT, Heinrich Wilhelm. *Aroideae Maximilianae. Die auf der Reise Sr. Majestät des Kaisers Maximilian I. nach Brasilien gesammelten Arongewächse, nach handschriftlichen Aufzeichnungen von H. Schott*, beschrieben von Dr. J. Peyritsch, etc. Viena, 1879.

SPRINGER, Elisabeth. Maximilians Persönlichkeit, in: *Maximilian von Mexiko. 1832-1867*, etc., pp. 12-23.

TEGETTHOFF, Wilhelm von. *Tegetthoffs Briefe an seine Freundin*, org. por Heinz Steinrück. Viena, Leipzig, 1926.

TOELSNER, Carl August. *Die Colonie Leopoldina in Brasilien*. Göttingen, 1858.

TORRES, Lygia Lemos. *Imperatriz D. Amélia*. São Paulo, 1947.

TSCHUDI, Johann Jakob von. *Reisen durch Südamerika*. Leipzig, Brockhaus, 1866-1869, vols. 1-5. Reimpressão Stuttgart, Brockhaus, 1971, vols. 1-5.

WANDRUSZKA, Adam. General-Gouverneur von Lombardo-Venetien, in: *Maximilian v. Mexiko*, etc., pp. 49-52.

WAWRA, Heinrich von Fernsee. *Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexiko, Maximilian I., nach Brasilien (1859-1860)*. Viena, Carl Gerold's Sohn, 1866, vols. 1-2.

WURZBACH, Constantin von. *Biographisches Lexikon des Kaisertums Österreich*. New York, 1966 (reimpressão), vols. 1-8.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

- 0 - REGISTRO do testamento com que faleceu em 9 de julho de 1887 Dona Raimunda Porcina de Jesus. Testamenteiro, Cosº Antº Carneiro da Rocha. Salvador, C.E.B., s.d. 5F. (mimeog.)
- 1 - SANTIAGO, Anfrisia. *Capelas antigas da Bahia*. Salvador, C.E.B., 1951. 12p.
- 2 - SOUZA, Affonso Ruy de. *O primeiro teatro do Brasil, documentos de 1733 sobre o Teatro da Câmara da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., s.d. 8p.
- 3 - CALASANS, José. *Um discurso de Silvio Romero*. Salvador, C.E.B., 1951. 9p.
- 4 - EDELWEISS, Frederico G. *O príncipe de Joinville no Brasil*. Salvador, C.E.B., 1951. 12p. il.
- 5 - NEESER, Hermann. *A colônia leopoldina, 1858*. Salvador, C.E.B., 1951. 9p.
- 6 - EDELWEISS, Frederico G. *O cacau na economia brasileira*. Salvador, C.E.B., 1951. 6p.
- 7 - SILVA, Alberto. *O cronista e a crônica do Brasil, documentos seiscentistas sobre o assunto*. Salvador, C.E.B., 1951. 8p.
- 8 - TEIXEIRA, Cid. *Um depoimento diplomático, correspondência do Consul Americano, 1821-1825*. Salvador, C.E.B., 1951. 10p.
- 9 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Amor de príncipes, diário do tenente Maurice Touchard, 1843*. Salvador, C.E.B., 1951. 12p.
- 10 - SILVA, Alberto. *O processo dos eclesiásticos da Inconfidência Mineira, sentença conhecida*. Salvador, C.E.B., 1951. 10p.
- 11 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Estadistas bahianos do Imperio*. Salvador, C.E.B., 1951. 14p.
- 12 - SILVA, Alberto. *Um documento inedito sobre as fortificações da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1952. 9p.
- 13 - LIMA, José. *Padroeiros da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1952. 12p.
- 14 - CALASANS, José. *A guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador, C.E.B., 1952. 15p.

- 15 - NEESER, Hermann. *Sobre a campa brasonada no Convento do Carmo*. Salvador, C.E.B., 1952. 6p.
- 16 - SILVA, Alberto. *Um 'diário' inédito sobre a Bahia*. Salvador, C.E.B., 1952. 8p.
- 17 - COSTA, Luiz Monteiro da. *Construções navais da Bahia no século 17*. Salvador, C.E.B., 1952. 17p.
- 18 - MATTOS, Waldemar. *Contribuição ao estudo da sesmaria no Brasil*. Salvador, C.E.B., 1953. 18p.
- 19 - TEIXEIRA, Cid. *Contribuição ao estudo dos morgados em Portugal e no Brasil*. Salvador, C.E.B., 1953. 11p.
- 20 - COSTA, Luiz Monteiro da. *O forte que foi arrematado em hasta publica*. Salvador, C.E.B., 1953. 19p.
- 21 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Um agitador baiano: Cipriano Barata de Almeida*. Salvador, C.E.B., 1953. 12p.
- 22 - PRINCIPE, Antonio Carlos Brochado. *Contribuição ao estudo do ciclo de festas tradicionais da Bahia*. Salvador, C.E.B., s.d. 14p.
- 23 - BULCÃO SOBRINHO, Antonio de Araujo de Aragão. *O pregoeiro da República*, Virgílio Climaco Damasio. Salvador, C.E.B., s.d. 10p.
- 24 - WILDBERGER, Arnold. *A Bahia de 1676 vista por um médico francês*. Salvador, C.E.B., s.d. 21p.
- 25 - VIANA, Antonio. *Crônicas da Bahia*. Salvador, C.E.B., s.d. 11p.
- 26 - GUIMARÃES, Archimedes Pereira. *Esplendor e agonia do Instituto Bahiano de Agricultura, 1859-1902*. Salvador, C.E.B., 1954. 16p.
- 27 - CALASANS, José. *Achegas ao estudo do romanceiro político nacional*. Salvador, C.E.B., s.d. 11p.
- 28 - SILVA, Alberto. *A lenda de Sumé na historiografia bahiana*. Salvador, C.E.B., s.d. 12p. il.
- 29 - COSTA, Luiz Monteiro da. *'O engenheiro jesuíta Stafford, confessor do Marquês de Montalvão'*, apontamentos para a história do primeiro vice-rei do Brasil. Salvador, C.E.B., 1954. 23p.
- 30 - VALLADARES, José. *Arte brasileira*, publicações de 1943-1953. Bibliogr. coment. com ind. rem. Salvador, C.E.B., 1955. 78p.
- 31 - BARBOSA, Manoel de Aquino, Cônego. *O sitio do arraial e da sepultura de D. Marcos Teixeira, o Bispo soldado*. Salvador, C.E.B., s.d.: p.79-119

- 32 - BULCÃO SOBRINHO, Antonio de Araujo de Aragão. *A Bahia nas côrtes gerais de Lisboa de 1821*. Salvador, C.E.B., s.d. 28p
- 33 - VIANNA, Hildegardes. *A proclamação da Republica na Bahia, aspectos folclóricos*. Salvador, C.E.B., s.d. 18p.
- 34 - GUIMARÃES, Archimedes Pereira. *Primordios do ensino da quimica na Bahia*. Salvador, C.E.B., s.d. 7p.
- 35 - BRITO, Manuel Joaquim de Souza. *Cantos e festas populares*. Salvador, C.E.B., 1957. 20p.
- 36 - EDELWEISS, Frederico G. *Dois caudilhos, como os viu o consul inglês Ernest Hambloch*. Salvador, C.E.B., 1958. 10p.
- 37 - ABREU, George. *Curiosidades da Cidade do Salvador no seculo XVII*. Salvador, C.E.B., s.d. 22p.
- 38 - AMORIM, Deolindo. *A Bahia nos gabinetes ministeriais da Monarquia*. Salvador, C.E.B., s.d. 19p.
- 39 - VIANA, Ângela Maria A. Martins. *Lápides da Igreja de Santa Teresa*. Salvador, C.E.B., 1960. 12p.
- 40 - TAUNAY, Affonso d'Escragnole. *Um sueco na Cidade do Salvador, 1756*. Salvador, C.E.B., 1960. 13p.
- 41 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Contribuição ao estudo das manifestações corporativas na Bahia do século XVII*. Salvador, C.E.B., 1960. 18p.
- 42 - SOUSA, Deraldo Inácio de. *Bibliotecas da Bahia - 1952, contribuição para um inquérito cultural*. Salvador, C.E.B., 1960. 31p.
- 43 - EDELWEISS, Frederico G. *A visita de Maximiliano da Austria à Bahia*. Salvador, C.E.B., 1961. 20p
- 44 - SAMPAIO, Bernardo Pedral. *Lingua portuguesa no Brasil, modalidades de falar nos estados da Bahia e São Paulo*. Salvador, C.E.B., 1961. 54p.
- 45 - CALASANS, José. *Lulú Parola e os acontecimentos políticos de 1891*. Salvador, C.E.B., 1967. 13p.
- 46 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Bahia, 1842...*. Salvador, C.E.B., 1967. 8p.
- 47 - COSTA, Luiz Monteiro da. *Um manuscrito raro, holandeses na Bahia em 1638*. Salvador, C.E.B., 1967. 7p.
- 48 - AMORIM, Deolindo. *Tradições comerciais da Bahia, 1. Quartel do século XX*. Salvador, C.E.B., 1968. 11p.

- 49 - MORENO, Diogo de Campos. *A Bahia no livro do Sargento-Mor*, Livro que dá razão ao Brasil - 1612. Salvador, C.E.B., 1968. 16p.
- 50 - SANTIAGO, Anfrísia. *D. Raimunda Porcina de Jesus*, a chapadista. Salvador, C.E.B., 1968. 16p.
- 51 - CARVALHO FILHO, Aloysio de. *Um depoimento para a história*. Salvador, C.E.B., 1968. 12p.
- 52 - SOUZA, Affonso Ruy de. *A relação da Bahia*, contribuição para a história judiciária do Brasil. Salvador, C.E.B., 1969. 14p.
- 53 - COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras*, quatro artistas baianos. Salvador, C.E.B., 1969. 14p.
- 54 - CARVALHO FILHO, Aloysio de. *Coelho Netto e a Bahia*. Salvador, C.E.B., 1969. 27p.
- 55 - SOUZA, Affonso Ruy de. *Xisto Bahia*, símbolo do teatro baiano, uma tentativa biográfica. Salvador, C.E.B., 1969. 16p.
- 56 - CALASANS, José. *Notícias de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 57 - EDELWEISS, Frederico G. *Camarajipe, lagoa do Abaité*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 58 - SALLES, David. *Bibliografia de & sobre Xavier Marques*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 59 - EDELWEISS, Frederico G. *Achegas cronológicas para a história do farol no forte de Santo Antônio da Barra*. Salvador, C.E.B., 1969. 12p.
- 60 - CERQUEIRA, Paulo Pedreira de. *Visconde do Rio Branco*. Salvador, C.E.B., 1969. 15p.
- 61 - COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras*, quatro artistas baianos, II. Salvador, C.E.B., 1969. 16p.
- 62 - CALASANS, José. *Juarez Távora na Bahia*. Salvador, C.E.B., 1969. 8p.
- 63 - BARRETO, Filinto Elysio do R. *O Comendador Antônio Francisco de Lacerda e a evolução dos transportes urbanos na Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., 1969. 10p.
- 64 - PERES, Fernando da Rocha. *Os filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador, C.E.B., 1969. 10p.

- 65 - AGUIAR, Manoel Pinto de. *História de um Banco*. Salvador, C.E.B., 1970. 15p.
- 66 - FLEXOR, Maria Helena. *Noções de paleografia*. Salvador, C.E.B., 1970. 15p.
- 67 - SIMÕES, Isa Maria Drummond. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador, C.E.B., 1971. 28p.
- 68 - MARIANI, José Bonifácio de Abreu. *Povoamento da Bahia: século XVI*. Salvador, C.E.B., 1971. 19p.
- 69 - ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Ata de fundação*. Ed. facsim. Salvador, C.E.B., 1971. 10p.
- 70 - MAGALHÃES NETO, Francisco Peixoto de. *Reminiscências*. Salvador, C.E.B., 1971. 14p.
- 71 - MACHADO NETO, Zahidé. *Quadro sociológico da 'civilização' do Recôncavo*. Salvador, C.E.B., 1971. 15p.
- 72 - TAVARES, Luís Henrique Dias. *O desembarque da Pontinha*. Salvador, C.E.B., 1971. 16p.
- 73 - CALASANS, José. *Bahia, primeira capital do Brasil, 1549-1763*. Salvador, C.E.B., 1972. 10p.
- 74 - GODOFREDO FILHO. *Dimensão histórica da visita do Imperador à Feira de Santana*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 29p.
- 75 - AZEVEDO, Thales de. *Feira de Sant'Ana, passado e presente*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 9p.
- 76 - FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *As contribuições originais da 'Escola Tropicalista Bahiana'*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1976. 6p.
- 77 - QUADROS, Consuelo Novais Soares de. *Formação do regionalismo no Brasil, Bahia e São Paulo no séc. XIX*. Salvador, C.E.B., UFBA., UFBA., 1977. 20p.
- 78 - NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *'Letras de risco' e 'Carregações' no comércio colonial da Bahia, 1660-1730*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 43p. tab.
- 79 - SENA, Consuelo Pondé de. *Portugueses e africanos em Inhambupe, 1750-1850*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 21p. quadros.
- 80 - LUDWIG, Selma C. *A Escola de Belas Artes cem anos depois*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 17p.

- 81 - GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. *Aspectos econômicos do episódio de Canudos*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1977. 30p.
- 82 - OTT, Carlos. *História da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1978. 34p.
- 83 - EDELWEISS, Frederico G. *Frei Martinho de Nantes, capuchinho bretão, missionário e cronista em terras baianas*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 68p.
- 84 - VIANNA, Antônio. *Quintal de nagô e outras crônicas*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 46p.
- 85 - MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Testamentos de escravos libertos na Bahia no século XIX, uma fonte para o estudo de mentalidades*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 53p. tab.
- 86 - PINHO, José Wanderley de Araújo. *Carta de guia de licenciado*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 32p.
- 87 - EDELWEISS, Frederico G. *José de Alencar, o tupinista segundo as notas ao romance de 'Iracema'*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1979. 39p.
- 88 - TRINDADE - SERRA, Ordep J. *Estrofes e antístrofes, o andamento do drama ritual no culto do candomblé da Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1980. 38p.
- 89 - CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social do Brasil colônia*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1980. 26p. mapas.
- 90 - Catálogo das Obras Raras e Valsas da Biblioteca Frederico Edelweiss. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981. 90p.
- 91 - PEDREIRA, Pedro Tomás. *O Rio Paraguaçu e a sua navegação*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981. 23p.
- 92 - EDELWEISS, Frederico G. *A Antroponímia Patriótica da Independência*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981. 26p.
- 93 - OTT, Carlos. *A Casa da Câmara da Cidade do Salvador*. Salvador, C.E.B., UFBA., 1981. 34p. il.

Composto e impresso por Washington
Estúdio Gráfico Ltda. Rua Tomaz Gon-
zaga, 109 Pernambuco Telefone
244-4223 Salvador Bahia.